

Ungulani Ba Ka Khosa

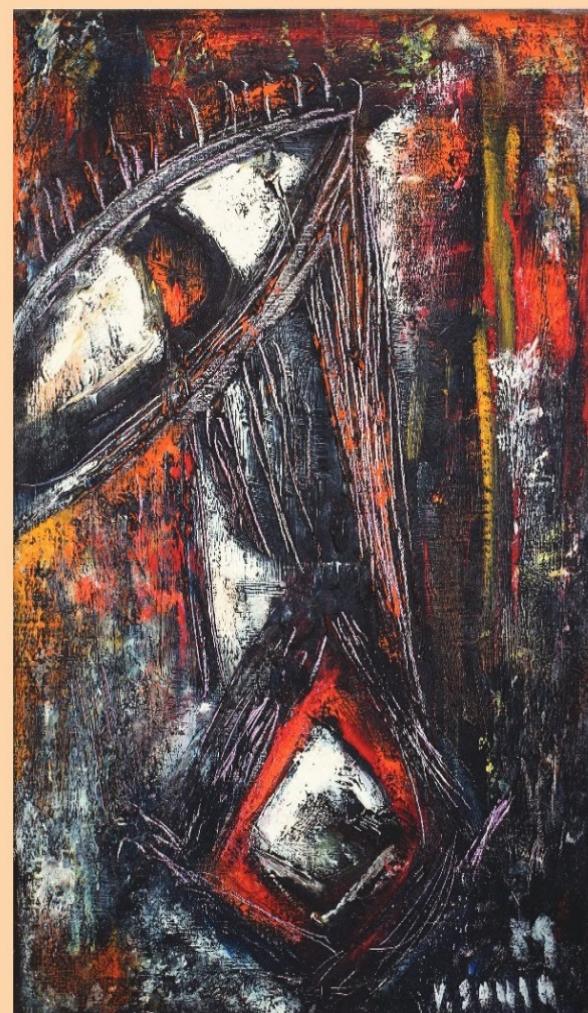
# Ualalapi

GRANDE PRÉMIO DA FICÇÃO NARRATIVA

Mozambique, 1996



# Ualalapi



Ungulani  
Ba Ka Khosa

alcance  
editores

Ungulani Ba Ka Khosa (nome tsonga de Francisco Esau Cossa) nasceu às 0.45 do dia 1 de Agosto de 1957, em Inhaminga, província de Sofala, filho de mãe sena e pai changana. Da infância pouco se recorda, andarilho que foi pelas terras do interior, acompanhando a mãe, enfermeira. O pai, enfermeiro de profissão, cedo deixou o filho que ainda gatinhava e abalou para as terras do Sul, à procura de outras profissões mais rendosas. Ficou com a mãe, com as fotografias do pai, e com alguma solidão interior. Frequentou o primário, travou amizades que se perderam com o tempo e em 1968, fim do primário, deixa a mãe para viver com o pai nas terras do Sul. Os avós, o pai, a mãe (separada do pai) e todos os espíritos ancestrais reúnem-se em volta da frondosa árvore que se erguia a meio do terreiro desfronte à casa dos avós e chamam-lhe Ungulani Ba Ka Khosa. O ritual estava cumprido.

A adolescência passa-a na província da Zambézia onde completa o secundário e inicia o nível médio. A mãe, em Sofala, morre três anos antes da independência. Em 1977 uma directriz presidencial encerra o pré-universitário e uma viagem grátis leva-o a Maputo. Frequentou um curso intensivo para professores do primeiro nível do secundário e é colocado no Niassa como professor, em 1978. Campos de recedução, solidão, dias longos e tristes, frio, montanhas, aguardente de cana (fabrico caseiro), terras virgens e despovoadas. É o novo cenário. Pensa em ser escritor. Lê para escrever. Dá aulas. Viaja pelo interior da província. E em 1980 regressa a Maputo e frequenta a Faculdade de Educação na área de História e Geografia para o ensino pré-universitário. Começa a escrever. Em 1982 publica o primeiro conto: *Dirce, Minha Deusa, Nossa Deusa*.

Em 1984 junta-se a uma malha maluca, sonhadora, esquizofrénica, que resolve, no meio dumha bchedeira, fundar a melhor revista literária do mundo: *Charria*.

Em 1987 publicou *Ualalapi* e em 1990 *Orgia dos Loucos*.

Além dos livros publicados é autor de dois argumentos de ficção (uma longa e uma curta-metragem).

Neste momento trabalha para uma média-metragem, enquanto prepara um livro que não sabe se será uma novela ou um romance. O livro tem como título (provisório) *No Reino dos Abutres*.

Ungulani Ba Ka Khosa

# Ualalapi

GRANDE PRÉMIO DA FICÇÃO NARRATIVA

Moçambique. 1990

CENTRAL DE COPIAS  
03/05/06

95 cópias

TOMBO: 108151



SBD-FFLCH-USP



«UMA TERRA SEM AMOS»

CAMINHO

262.296

K56m

## Índice

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300111010

### UALALAPI

Autor: Ungulani Ba Ka Khosa

Capa: Secção Gráfica da Editorial Caminho  
sobre ilustração de Ivone Ralha

Orientação gráfica: Secção Gráfica da Editorial Caminho  
Revisão: Secção de Revisão da Editorial Caminho

© Ungulani Ba Ka Khosa, 1987

Direitos de publicação em Portugal reservados  
por Editorial Caminho, SA, Lisboa, 1990

Tiragem: 3000 exemplares

Composição: Secção de Composição da Editorial Caminho  
Impressão e acabamento: Tecnocr, I.d.a.

Data de impressão: Março de 1991

Depósito legal n.º 42 797/91

ISBN 972-21-0569-8

Nota do autor .....	11
Fragmentos do fim (1) .....	17
Ualalapi .....	19
Fragmentos do fim (2) .....	39
A morte de Mputa .....	41
Fragmentos do fim (3) .....	55
Damboia .....	57
Fragmentos do fim (4) .....	73
O cerco ou fragmentos de um cerco .....	75
Fragmentos do fim (5) .....	91
O diário de Manua .....	93
Fragmentos do fim (6) .....	109
O último discurso de Ngungunhane .....	111

*À memória da minha mãe*

### Nota do autor

É verdade irrefutável que Ngungunhane foi imperador das terras de Gaza na fase última do império. É também verdade que um dos prazeres que cultivou em vida foi a incerteza dos limites reais das terras a seu mando. O que se duvida é o facto de Ngungunhane, um dia antes da morte, ter chegado à triste conclusão de que as línguas do seu império não criaram, ao longo da existência do império, a palavra imperador. Há quem diga que esta lacuna foi fatal para a sua vida, debilitada pelos longos anos de exílio.

Saltará à vista do leitor, ao longo da(s) estória(s), a utilização propositada e anárquica das palavras imperador, rei e hosi — nomeação em língua tsonga da palavra rei.

«Entre estes vinha o Ngungunhane que  
conheci logo, apesar de nunca lhe ter visto  
retrato algum; era evidentemente o chefe  
duma grande raça... É um homem alto... e  
sem ter as magníficas feições que tenho no-  
tado em tantos seus, tem-nas, sem dúvida,  
belas, testa ampla, olhos castanhos e inteli-  
gentes e um certo ar de grandeza e supe-  
rioridade...»

Ayres D'Ornelas

«Era um ébrio inveterado. Após qualquer  
das numerosas orgias a que se entregava, era  
medonho de ver com os olhos vermelhos, a  
face tumefacta, a expressão bestial, que se  
tornava diabólica, horrenda, quando, nesses  
momentos se encolerizava...»

Dr. Liengme

«Só direi que admirei o homem, dis-  
culindo durante tanto tempo com uma argu-  
mentação lúcida e lógica...»

Ayres D'Ornelas

«... mas toda a sua política era de tal  
modo falsa, absurda, cheia de duplidade,  
que se tornava difícil conhecer os seus  
verdadeiros sentimentos»

Dr. Liengme

*A História é uma ficção controlada*

Agustina Bessa Luís

### Fragments do fim (1)

*Nada no mundo pode dar uma pálida ideia da magnificência do hino, da harmonia do canto, cujas notas graves e profundas vibradas com entusiasmo por 6000 bocas faziam-nos estremecer até ao íntimo. Que majestade, que energia naquela música, ora arrastada e lenta, quase moribunda, para ressurgir triunfante num frémito de ardor, numa explosão queimante de entusiasmo! E à medida que as mangas se iam afastando, as notas graves iam dominando, ainda por largo espaço, reboando pelas encostas e entre as matas do Manjacase. Quem seria o compositor anónimo daque-la maravilha? Que alma não teria quem soube meter em três ou quatro compassos, a guerra africana, com toda a acre rudeza da sua poesia? Ainda hoje nos «cortados ouvidos me ribomba» o eco do terrível canto de guerra vátua, que tantas vezes o esculca chope ouviu transido de terror, perdido por entre as brenhas destes matos...*

A Judite Getessemane

*U Ngungunhane!...  
Uya Ngungunya e bafazi ne madoda!...*

Anônimo, século XIX

*Tu és Ngungunhane!...  
Aterrorizarás as mulheres e os homens!...*

# I

Quando chegaram a um dos outeiros mais próximos da aldeia os guerreiros suspiraram de alívio ao contemplarem as casas esparsas por entre as árvores de rafzes seculares, imersas num silêncio profundo, próprio daquela hora em que o Sol ultrapassava majestosamente a metade do céu sem nuvens, atirando os raios que causticavam os rostos, os dorsos e os troncos nus dos guerreiros, cobertos da cintura à parte superior das coxas por peles de animais bravios.

Ualalapi, à frente dos guerreiros, percorreu com o olhar a aldeia e pensou no doro, nome que leva o pombe preparado nestas terras dos mundau, a entrar pelas goelas abaixo, com um bom naco de carne, à sombra da frondosa árvore, tendo defronte a mulher atiçando o fogo e o filho brincando, enquanto a noite entrava, calma, trazendo consigo a Lua cortada e às vozes mais distantes de outros homens que seroavam, pervagando pelo mundo dos feitos nguni, em tempos de guerra e de paz.

Sorriu para os guerreiros que o acompanhavam, carregados de carne fresca, resultado da matança feita no interior das terras, e iniciou a descida por um carroiro sinuoso, alheio ao roçar insistente dos arbustos de metro e meio que se erguiam nas margens quando, a meio da descida, susteve o passo, obrigando os outros a pararem e a aproximarem-se, ladeando-o.

*pangolin?*

Dois pangolins, animais de mau agouro, reluziam ao sol numa atitude de completa sonolência, a meio do carroiro. Ualalapi olhou de soslaio os guerreiros que o ladeavam e viu os mesmos olhos brilhantes, trementes, claros, ausentes. Nada disse. Passou a mão pela carne fresca, sinal de fartura e de bons presságios, e atirou os olhos aos pangolins, animais agoirentos como já ficou dito. E todos, como que petrificados pela imagem infâesta, permaneceram na mesma posição, sentindo o sol a fulminar-lhes os corpos e os arbustos a atirarem os ramos mais atrevidos que se dobravam ao contacto com os corpos, durante minutos prolongados, até que os pangolins, recobrando as forças, retiraram-se do carroiro, deixando-o livre à passagem dos homens e à flutuação do pensamento que a todos atingiu.

Ualalapi pensou no filho e viu-o tirar da parede maticada o escudo de tantas batalhas. Mas porquê o filho, pensou, e não a mãe do filho que sempre lhe ofertou o corpo em noites de luar e em momentos por vezes impróprios à fornicação?... Passou a mão pelo cabelo, tirou uma folha silvestre, olhou para as aves que voavam, silenciosas, e sentiu um pequeno tremor no corpo. Não, ela não pode ser, pensou, deixei-a sã de corpo e espírito. E como mulher, mulher nguni, ela vaticina o seu destino. O meu filho também não, é impossível, pois como pode uma criança de pai e mãe nguni morrer inesperadamente aos dois anos, sem que esteja adestrada no trato das armas como os pais e avós?... Não, é impossível, à sua família os ventos do infortúnio não chegarão tão já. Talvez a estes guerreiros, pensou, e viu-os cabisbaixos, como se tremessem que a terra se lhes abrisse aos pés, tropeçando por tudo e por nada. A estes também não, pertencem ao vulgo, e ao vulgo a infelicidade sempre lhe surgiu, desde os princípios dos tempos, sem enigmas, às claras como as

susas vidas vulgares e sem história e destino senão o de nascerem para servirem aos superiores até à morte. A quem se dirige então este enigma se outra família não tenho que mulher e filho?... Olhou para os guerreiros e viu-os na mesma posição rememorativa, pensando nas mulheres e nos filhos, ou nos pais e avós, atirados pelo império sem fim.

Enquanto pensavam nisto e naquilo, recordando coisas antigas e presentes, ligadas aos enigmas que a natureza atira aos homens sem piedade, estugavam o passo em direcção à aldeia que se avizinhava, deserta nas suas ruelas, sem outros ruídos que o rumorejar crescente das folhas das árvores e o altear desordenado da fumaça que saía em algumas cubatas onde o fogo teimava em agarrar-se aos troncos que a cinza atacava.

Aproximaram-se da cubata mais próxima e Ualalapi adiantou-se. Uma mulher de meia-idade, sentada defronte à casa, amamentava uma criança.

— O que se passa, mãe? — perguntou Ualalapi, agachando-se e pondo a lança ao alcance da mão direita.

— Os mochos teimaram em serendar sobre as casas, chiando a toda a hora e trazendo os espíritos há muito adormecidos que perturbaram as nossas mentes e deram a morte a alguns — disse a mulher com um ar cansado, preocupada com o filho que mexia desordenadamente os pés e os olhos, tentando afastar as moscas que teimavam poifar.

— Morreu alguém da sua família?

— O meu marido.

— Lamento imenso, mãe... Lamento imenso. E os homens, por onde andam os homens?

— Quem terá coragem de andar nestes tempos?... Falam com os seus muzimos. Não morreu um homem, morreu o império.

— Quem mais é que morreu?  
 — Sabê-lo-ás. Os chefes como tu aguardam Mudungazi na praça.

— Certo. De que é que morreu o seu marido?  
 — De susto. Mas que importância tem a formiga perante o elefante?

— Quantas vezes a formiga não matou o elefante, mãe?

— E quantas vezes o crocodilo saiu da água, homem?

— Obrigado, mamã — disse Ualalapi, perturbado. Soergueu-se, agarrou na lança e virou-se para os guerreiros que o olhavam, cansados de esperar.

— Ide guardar a carne e esperai qualquer ordem. Em vou até à praça — e largou-os sem mais delongas, caminhando célebre e alheio ao vento que ia levantando grãos de areia e folhas dispersas pelo chão, formando pequenos remoinhos que se alteavam em círculos desordenados, tocando amiúde o corpo de Ualalapi, coberto por uma camada de sangue e restos de folhas silvestres que se despegavam do corpo com a força do vento que carregava um cheiro estranho, sentido na zona nos tempos imemoriais em que homens de outras tribos viram as casas alufrém com a força do vento e da chuva que cobriu a terra e os arbustos de água lodosa e cheirosa no momento em que acabavam de enterrar um rei de Manica que, vaticinado pelo seu swikiro — nome que os médiuns chonas levavam —, não tivera outro tempo de governação que o número de dias iguais aos dedos que as suas mãos carregavam. Mas foi tempo suficiente para medrar com as lautas refeições que pararam no dia fúndico em que morreu de congestão.

E Ualalapi pisava agora, a caminho da praça, o local onde o corpo do rei estivera estendido, no interior de

uma cubata, sob o olhar atento dos maiores do reino que tinham o dever de assistir à putrefacção do corpo para que os espíritos malvados não se apossassem de partes do corpo, aguentando durante dias e noites o cheiro insuportável da carne podre cujos líquidos caíam em vasilhas preparadas para o efeito. Ualalapi levou a mão direita às narinas e entrou na praça. Olhou para o céu e viu as nuvens escuras e pesadas a desceram das alturas. O vento surzia as árvores altas e baixas. Acerrou-se de Mputa, guerreiro que morreria de forma estúpida e inocente mas cujo rosto permaneceria na memória de todos, como o afirmaram ao pressagiarem o seu destino, sem no entanto detalharem as causas da sua morte, pois em histórias que entram reis e rainhas, todos se apartam, até os swikiros que tudo prenunciam.

— O que é que se passa, Mputa?

— Morreu Muzila.

— Como?

— Dizem que morreu de doença, pois há várias noites que não tirava os olhos do tecto da sua casa.

— Uma morte desumana para um nguni.

— Há quem afirme que o pai morreu da mesma forma.

— Não era o desejo deles, Mputa.

— Conheço poucos reis que morreram em batalhas.

— Mas todos afirmam que é a melhor morte.

— Quando se dirigem aos guerreiros.

— Pensas muito depressa.

— A guerra assim nos ensina, Ualalapi.

— Tens razão... Sentes este cheiro?

— É o cheiro da morte. Quando um rei morre, alguns súbditos devem acompanhá-lo.

— Falei com uma mulher que perdeu o marido.

— Houve outras mortes por aí. A velha Salama quando soube da morte do rei dirigiu-se a uma das

margens do rio e esperou pelos crocodilos dos seus antepassados que a vieram buscar meia hora depois de ela ter estado sentada, contemplando as águas do rio. O velho Lucere morreu durante a sesta, devorado pelas formigas gigantes que não deixaram um bocado de carne do seu corpo velho. Chichuaio, ao entrar em casa, viu-se rodeado de serpentes que lutaram pela posse do corpo. E há mais casos, é sempre assim.

— Eu sei, mas é incrível... Há quanto tempo aguardam Mudungazi?

- Desde o entrar da tarde. Este cheiro incomoda...
- É dos mortos há muito desaparecidos, Mupta.
- Os ossos não cheiram, Ualalapi.
- Mas os espíritos tudo podem fazer.
- Tens razão. Levantemo-nos. Mudungazi vai aparecer. A caça que tal foi?
- Boa. Há muita carne.
- Fartura no meio da desgraça.
- É isso — disse Ualalapi, limpando o corpo. As nuvens que ameaçavam a aldeia começaram a afastar-se, carregando o vento e o cheiro da morte que pairou sobre a aldeia durante a semana em que Ualalapi esteve no interior das terras de Manica.

## II

*Mundungazi*

Numa voz entrecortada, chorosa, mas que ia ganhando força ao longo do discurso, como é próprio das pessoas que têm a mestria de falar para o povo, Mudungazi começou o seu discurso perante os chefes guerreiros afirmando que as coisas da planície não têm fim.  
Há muitas e muitas colheitas que aqui chegamos com as nossas lanças embebidas em sangue e os nossos escudos fartos de nos resguardarem.

Ganhamos batalhas. Abrimos caminhos. Semeamos milho em terras saáfaras. Trouxemos a chuva para estas terras adustas e educamos gente brutalizada pelos costumes mais primários. E hoje essa gente está entre vocês, Nguni!

Este império sem medida ergueu-o o meu avô depois de batalhas incontáveis em que sempre triunfou. Nele espalhou a ordem e os costumes novos que trouxemos. E ao morrer indicou o seu filho Muzila, meu pai, como sucessor. Muzila tinha um coração de homem. Era bondoso. E muitos aproveitaram-se da sua bondade. Entre eles Mawewe, seu irmão, que no meio de caballas vergonhosas quis e conseguiu usurpar o poder sem anuência dos espíritos e dos maiores do reino que tinham aceite Muzila como sucessor, pois fora ele o primeiro a abrir a sepultura onde seu pai repousaria para todo o sempre. Mas Mawewe esqueceu-se disso e tomou o trono por um tempo que a história não registrará, e se registrar será com a perfídia estampada no rosto desse homem que não ousou chamar tio.

Nesse tempo, meus guerreiros, a terra cobriu-se de cadáveres inocentes e as águas tomaram a cor do sangue durante semanas e semanas, levando pessoas a beberem o sangue dos seus irmãos mortos por não suportarem a sede que os atormentava. E tudo por teimosia de Mawewe em se manter no poder.

Muzila morreu, meus guerreiros. À beira da morte indicou-me como seu sucessor. A sua sepultura deverá ser aberta por mim. Acham que a história se vai repetir?

Os guerreiros, num compasso preciso, bateram os escudos de pele na terra e disseram não.

Estais comigo, disse Mudungazi, não pela fidelidade para comigo mas por terem acatado as minhas palavras. Esperava isso de vocês.

*dijam  
império*

*Mawewe*

*Sangue  
bebem sangue*

Mudungazi → Perguntas

### UNGULANI BA KA KHOSA

Susteve o discurso por momentos e percorreu com o olhar raiado de sangue os guerreiros que se mantinham em silêncio. O Sol caía. O vento estava calmo. Nuvens brancas sobrepuham-se às nuvens escuras no céu azul.

O meu irmão Mafemane, prosseguiu, vive a uns quinze quilómetros daqui. Consta-me que se prepara para partir a fim de abrir a sepultura do meu pai. A história não deve repetir-se. O poder pertence-me. Ninguém, mas ninguém poderá tirar-mo até à minha morte. Os espíritos poisaram em mim e acompanharam-me, guiando nas minhas acções lúcidas e precisas. E não irei permitir que haja a mesma carnificina como no tempo de entronização de Muzila, porque irei actuar já. Os homens que não me conhecem, conhecem-me-ão. Não vou partilhar o poder. Ele pertence-me desde que nasci do ventre de lozio, minha mãe, a mulher preferida de Muzila. E serei temido por todos, porque não me chamarei Mudungazi, mas Ngungunhane, tal como essas profundas furnas onde lançamos os condenados à morte! O medo e o terror ao meu império correrá séculos e séculos e ouvir-se-á em terras, por vocês nunca sonhadas! Por isso, meus guerreiros, aguçai as lanças. Teremos que limpar, o mais urgente possível, o atalho por onde caminharemos, para que não possamos tropeçar com possíveis escolhos.

Assim finalizou Mudungazi o contacto com os guerreiros. A noite entrava. Seguido pela tia, de nome Damboia, Mudungazi dirigiu-se à palhota grande, bamboleando as carnes fartas que pouco mudariam até à morte que teria em águas desconhecidas, envolto em roupas que sempre rejeitara e no meio de gente da cor do cabrito esfolado que muito se espantara por ver um preto.

### III

— Tens o hábito de subires as árvores pelos ramos, Mudungazi.

— Entenderam, Damboia.

— Duvido.

— A um guerreiro só se mostra o alvo.

— E por que não indicaste o homem que deve executá-lo?

— Fá-lo-ei ao raiar do dia. E não te preocupes com Mafemane: os abutres já se preparam para devorá-lo. Bebamos o doro pela minha ascensão ao poder deste império.

— À tua saúde, Ngungunhane.

— É isso, Ngungunhane. Serei para todo sempre Ngungunhane e morrerei de velhice. Assim o quiseram os espíritos.

— O que é que se passa, Ualalapi?

— Morreu Muzila.

— Sei. Mas o que é que Mudungazi disse?

— Mafemane deve morrer.

— Porquê?

— Pela porta da casa entra um de cada vez.

— E o outro espera no terreiro.

— Ah... os homens sempre evitam dar as costas a alguém. É perigoso.

— Nem sempre. Mas quem o vai matar?

— Estás muito preocupada. Esquece isso. A água para o banho está pronta?

— Está no lume. Esta situação preocupa-me.

— Porquê?

— Tive sonhos esquisitos.

— É normal em dias de luto.

— Sonhei com a tua morte.

## UNGULANI BA KA KHOSA

— Minha morte?

— Sim.

— Como é que morri no sonho?

— Morreste andando. A tua voz sustinha o teu corpo sem vida. Eu e o teu filho morremos afogados pelas lágrimas que não pararam de sair dos nossos olhos.

— Incrível, mas nada disso vai acontecer, mulher.

— Estou com medo, Ualalapi. Estou com medo.

Vejo muito sangue, sangue que vem dos nossos avós que entraram nestas terras matando e os seus filhos e netos mantêm-se nela matando também. Sangue, Ualalapi, sangue! Vivemos do sangue destes inocentes. Porquê, Ualalapi?...

— É necessário, mulher. Nós somos um povo eleito pelos espíritos para espalhar a ordem por estas terras. E é por isso que caminhamos de vitória em vitória. E antes que o verde floresça é necessário que o sangue regue à terra. E neste momento não te devês preocupar com nada, pois estamos em tempo de paz e luto.

— E os teus irmãos, Mudungazi?

— Quais?... Como, Como, Anhane, Mafabaze?

— Sim.

— Não terão coragem de se oporem às minhas ordens. O perigo está com Mafemane. Esse é que deve morrer.

— Se te indicarem para matares Mafemane não aceites, Ualalapi.

— Talvez não seja eu a pessoa indicada. Mas porquê?

— Temo pela tua vida, Ualalapi.

## Lerismo x objeto/corpo

## UALALAPI

— Não te preocipes. Eu só morrerei em combate como o meu pai que com quatro lanças enterradas no peito teve a coragem única de arremessar a lança que hoje utilizei no peito dum tsonga a uns dez metros de distância. Só morrerei em combate, mulher. É o meu destino, é o destino de todos os grandes guerreiros, nguni.

— Não te enganes, Ualalapi. Muitos foram os guerreiros que morreram de forma estúpida e sem estarem em combate. Sereko, que tanta gente matou em combate, morreu com uma mordidela de serpente enviada pelo avô descontente. Makuko morreu no mato, defecando sem parar durante quinze dias seguidos. E quando o encontraram, já morto, a merda ainda lhe saía do corpo. Tiveram que o enterrar com a merda que não parava de sair. E tu não podes fugir a isso. Também se morre fora de combate. E eu tenho medo, Ualalapi.

— É um sonho, mulher.

— E quantas vezes errei nos meus sonhos?

— Podes ter razão, mas se for para morrer como poderei fugir ao destino?

— Não fales assim. Exasperas-me. O que te peço é que recuses a ordem de matares Mafemane.

— Devo fidelidade a Mudungazi.

## IV

O Sol não queimara ainda o orvalho quando Manhune e os guerreiros a seu mando se aproximaram da aldeia de Mafemane, pondo-se à escuta de sinais de partida. Mas o silêncio, o mesmo silêncio que a todos tocava naqueles dias de luto, cobria as palhotas de Mafemane e os seus homens e mulheres. Nas ruelas nada se via para além de pequenas folhas e bocados

Mantes  
estrelas

de bilhas partidas, esparsas pelo chão. Manhune deixou grande parte dos guerreiros que o acompanhavam e levou dois à casa de Mafemane, que se erguia no centro da aldeia. Algo os atemorizava naquele silêncio, pois ao caminharem para o centro da aldeia não ouviam outros ruídos que o som dos pés nus, calcando a terra húmida. Mafemane, alto, imperturbável estava defronte à sua casa, de pé, com as mãos cruzadas no peito largo e forte.

— Esperava-os, disse Mafemane, aproximando-se de Manhune. Sei que Muzila morreu. Sei também que o meu irmão foi escolhido como sucessor, apesar de eu ser o filho primeiro da inkonsikazi de Muzila, Fussi. O trono pertence a Mudungazi. Sei também que vistes com ordens para me matarem. Estou preparado para morrer. Mas peço-vos que me deixeis despedir das minhas mulheres e dos meus filhos. Vinde ao cair do dia.

As palavras, como que vindas das alturas, entraram na mente de Manhune e dos guerreiros com tanta clareza que ficaram petrificados pela calma e a serenidade de Mafemane. Este sorriu e fixou-os. Os olhos eram transparentes, brilhantes, chocantes. Sem conseguirem responder, os homens de Mudungazi começaram a recuar, com os olhos postos em Mafemane. Manhune tropeçou, caiu, levantou-se, deu costas ao Mafemane e pôs-se a andar num passo tão rápido que os guerreiros que o esperavam ficaram surpresos e perturbados.

— O que é que se passa, Manhune?

— Não me perguntuem nada. Vamos, vamos à nossa aldeia.

E pôs-se à dianteira. Chegados à aldeia tentaram explicar a Mudungazi o que viram e ouviram, mas Damboia, com os olhos reluzentes, interpôs-se, vitupe-

rando-os como ninguém fizera desde os tempos em que aprenderam a manejar as armas. E para eles o ex-príncipe tornava-se insustentável por vir da boca de uma mulher, uma mulher com má fama, apesar de ser da corte.

— É esta a guarda de elite com que contas, Mudungazi?... Uma cágila de cobardes, cães que só sabem ladrar. Que fidelidade jurastes para Mudungazi? Que fidelidade, seus cães?... Não, não me respondam, não tendes direito a palavra. Devieis ser entregues aos abutres. É isso que merecem, crianças, filhos mal paridos! Vindes aqui tentar convencer-nos que Mafemane, sabendo da sua morte, quis despedir-se das mulheres e filhos. Porque não fê-lo antes? Ah, seus cães, imbecis, estúpidos, crianças sem juízo!... Mafemane prepara-se para fugir, e já deve ter partido. Estúpidos. E tu, Mudungazi, ainda tens coragem de dar guarida a cães que só sabem ladrar? No teu lugar matava-os... Não percamos mais tempo com esses estúpidos. Vai Maguiguane, Mputa e Ualalapi. E levem os guerreiros que quiserem. Mas não apareçam nesta aldeia sem o corpo de Mafemane, nem que tenham que fazer desaparecer a floresta que vos rodeia. Avancem!

A mulher do Ualalapi acompanhou com o olhar o marido até este desaparecer na floresta. Pegou no filho e começou a chorar mansamente. Entrou na cubata e não mais saiu até à morte do filho e dela, afogados pelas lágrimas que não pararam de sair dos olhos desorbitados durante onze dias e onze noites.

Ualalapi, longe dos tormentos da mulher, aproximou-se da aldeia de Mafemane. O Sol tomara a cor vermelha. A tarde fugia. Ao divisarem a casa de Mafemane, Ualalapi ficou com os seus guerreiros a uns quinze metros de distância. Maguiguane e Mputa adiantaram-se, à direita e à esquerda respectivamente, deixando um corredor a meio, onde, ao fundo, Mafemane,

com um sorriso nos lábios, os esperava, de pé, frente ao ádito da sua casa.

— Pensei que não viessem — disse Mafemane, percorrendo-os com o olhar, um olhar penetrante, incisivo —, não era necessário tanta gente, bastavam dois. Mas estou pronto. Podeis matar-me. Sei que não podereis entrar na vossa aldeia sem o meu corpo. Conheço Mudungazi de criança. E conheço essa cripulosa mulher que tem por nome Damboia. Não vos quero roubar tempo, andastes muito. Podeis matar-me.

Bocados de palha soergueram-se de uma palhota próxima. Tremeram no ar calmo e voltaram a poifar. Dois pássaros cortaram o céu. Uma criança chorou. A mãe abafou o choro. Mafemane sorria. Maguiguane quis levantar a lança. Não conseguiu. Sentiu a mão pessada. Mputa permaneceu na mesma posição, impassível. Mafemane sorria. O Sol descia, vermelho. Os minutos passavam. O silêncio carregava-se. A noite entrava.

Do fundo do corredor uma lança cortou o ar e fôise enterrar no peito de Mafemane. Este, alto que era, atirou o corpo para trás e voltou à posição inicial, cravando os olhos em Ualalapi que fugia.

— Quem é? — perguntou Mafemane

— É Ualalapi — responderam os guerreiros mais próximos.

— Chamem-no. Ele tem que acabar comigo, como mandam as regras. De onde é que é?

— É nguni.

Ahn! — suspirou sorrindo. O corpo começou a vergar. Ao dobrar para a frente a coluna, a lança enterrou-se mais no peito ensanguentado. Voltou com algum esforço à posição inicial e lançou um jacto de sangue. Os joelhos foram-se aproximando à terra e assentaram definitivamente no chão, segundos depois.

genuflexiva durante segundos prolongados, esperando Ualalapi que se aproximava, de cabeça baixa. A dor no peito era de tal ordem que caiu de costas, apontando os olhos para o céu onde três estrelas despontavam. Sem a coragem de o olhar, Ualalapi aproximou-se de Mafemane, ajoelhou, tirou a lança do peito e voltou a enterrá-la vezes sem conta. O rosto, o tronco, e outras partes do corpo de Ualalapi foram-se cobrindo de sangue quente, expelido do corpo de Mafemane, já morto. E à medida que o sangue ia correndo pelo corpo de Ualalapi, este mais fechava os olhos e enterrava com maior fúria a lança no tronco perfurado, desfeito, irreconhecível. Maguiguane e Mputa aproximaram-se.

— Chega — disseram, há muito que morreu.

Ualalapi susteve a lança a poucos centímetros do peito de Mafemane e soergueu-se. Passou a lança para a mão esquerda e pôs-se a correr, atravessando as casas da aldeia, e gritando como nunca ninguém ouvira um não estridente, lacinante. Desapareceu na floresta coberta pela noite, quebrando com o corpo as folhas e os ramos que os olhos ensanguentados não viam. Minutos depois o choro de uma mulher e duma criança juntaram-se ao não e ao ruído da floresta a ser arrasada. E o mesmo ruído cobriu o céu e a terra durante onze dias e onze noites, tempo igual à governação, em anos, de Ngungunhane, nome que Mudungazi adoptara ao ascender a imperador das terras de Gaza.

Sangue

Gaza

11 anos

do império

pt

Ngungunhane

Coronel Galhardo      Fragmentos do fim (2)

*Sentindo que pisava um objecto estranho e duro o cavalo levantou as patas dianteiras, relinchou, e voltou a poisa-las sobre o corpo, precisamente no ventre leve e macio do negro.*

*O negro gritou, enterrou os dedos na areia húmida, abriu desmesuradamente os olhos, saltou-lhe um jacto de sangue pela boca e viu as tripas a safrem, perfuradas por balas.*

*O coronel Galhardo olhou para o negro, viu as tripas a escorrerem pela terra, viu os líquidos intestinais a desaparecerem por entre o capim amassado, viu o sangue a escorrer pelo corpo, e não se comoveu. Olhou de novo para o rosto do negro, e notou que o homem tentava soerguer a cabeça. Do pescoço os nervos despontavam, tensos.*

— Onde está o rei? — perguntou.

*O negro voltou a abrir desmesuradamente os olhos, tentou enterrar com mais força os dedos, ergueu lentamente a cabeça, expeliu um novo jacto de sangue pela boca e voltou a tombar definitivamente a cabeça sobre a terra. O coronel olhou para o sangue que escorria nas patas dianteiras do cavalo, olhou para o*

UNGULANI BA KA KHOSA

*rosto desfigurado pela morte e comentou com um leve sorriso entre os lábios: — Estes pretos têm uma força de cavalo!...*

*Puxou as rédeas do cavalo, virou-o à esquerda, e contemplou com certo cansaço o mar de mortos sem sepultura que a planície ostentava. Ao longe, silenciosa, erguia-se a capital do império de Gaza. As casas, pardas, adormeciam na tarde que fugia.*

*— Queimem a povoação — sentenciou o coronel e esporeou o cavalo em direcção ao outeiro mais próximo.*

*Capital do  
império de Gaza*

## A morte de Mputa

*A Segone Ndangalila  
à Magambo  
e à Misete*

*Então, do seio da tempestade, o Senhor respondeu a Job e  
disse: Quem é aquele que obscurece a minha providência com  
discursos sem inteligência?*

*Onde estavas quando lancei os fundamentos da terra?  
Acaso, é sob a tua ordem que a águia levanta o vôo e faz  
o seu ninho nas alturas?*

*Job respondeu ao Senhor e disse:*

*Sei que podes tudo e que nada te é impossível...*

*Por isso retrato-me e faço penitência no pó e na cinza.*

Mputa

Ao acordar, nessa manhã nebulosa e aziaga, Domia sentiu as vísceras bulindo de forma aterradora e mortífera, mas não se preocupou tanto, pois sabia que tais dores sempre lhe vinham quando pensava nos pormenores do acto que arquitectava há anos, desde o dia em que seu pai, de nome Mputa, fora morto e retalhado por culpa da rainha, primeira mulher de Ngungunhane, que nestas terras leva o nome de inkonsikazi, que o acusara de proferir palavras tão injuriosas que as lágrimas lhe vieram ao rosto ao contar, entre soluços, ao rei que jurara pelo avô Manicusse que Mputa, cão sem nome e históri, beijaria a terra por todo sempre, porque palavras de tal malvadez não eram permitidas no seu reino, e muito menos à mulher dum rei cujo respeito os súbditos lhe deviam prestar com toda serventia, e, dizendo isto com gestos largos e o rosto contraído, mandou o chitopo, nomeação que leva o arauto do reino, convocar a grande assembleia que devia reunir-se nessa mesma manhã sem faltas e desculpas, pois uma afronta à sua mulher era um ultraje para si, rei de terras vastas, e a todo o povo do seu império que lhe deve dignidade e o orgulho de serem homens, pois fui eu e todos os que me precederam que dissipamos a noite infindável que cobria estas terras, dizia isto movimentando o corpo bojudo pelo átrio da casa real e mostrando com as mãos e os olhos, as

nuvens, o Sol, e as árvores imponentes que se erguiam ao longe à sua mulher que soluçava e ao chitopo que o seguia, acenando a cabeça por tudo e por nada, ouviste, vassalo, eu dei a luz e o sorriso, eu dei a carne e o vinho, eu dei a alegria a estes vermes, e não será um cão, um homem que dei a honra de cozinar para mim que ousará levantar a voz, por isso vai, corre, quero-os já, e se encontrares alguém defecando tira-o da merda, e se estiver colado à mulher retira-o do enlace com a força que o império te dá, eu sou, e serei por todo o sempre Ngungunhane, assim o quiseram os meus pais e avós e toda a prole de heróis nguni que levantaram estas terras do letargo dos séculos inomináveis, vai súbdito, vai, chama-os, arranca-os de onde estiverem e trá-los à árvore grande, e tu, mulher, mãe de todas as mães, limpa as lágrimas que sulcam o teu rosto, pois não virá a lua antes de sorrires perante a trágica morte que esse imundo animal, filho de cães, terá.

Os grandes do reino entreolhavam-se, receosos, pois não sabiam, como diz o vulgo, quem teria agarrado o búfalo pelos chifres, e à medida que o rei cavava a imbonga até chegar ao mel, os maiores do reino descontraíam-se, esticavam os pés, relaxavam os membros, e seguiam com mais atenção as palavras que desciam as escadas do reino e esbatiam-se no vulgo, nesses homens sem nome e préstimo. Depois, mais confiantes, cientes de que as palavras fugiam do centro, acenavam a cabeça ao ritmo das palavras coléricas que saíam em desconchavo, até que, para gáudio de todos, exceptuando Molungo, o nome de Mputa se elevou pelos ares da manhã. E quando o soberano sentenciou a pena de morte ao cão e imundo tsonga os maiores

mexeram os olhos e a cabeça em sinal de consentimento unânime.

Molungo, tio do soberano, homem que acompanharia o rei no infortúnio dos anos intermináveis de exílio, pediu a palavra, ciente de que Mputa não cometera tal crime pois bastas foram as vezes que vira a inkonsikazi acercar-se do homem como um animal em cio, mas bolas, pensava, palavra do rei não volta atrás, e não seria ele, Molungo, que revolveria a montanha tecida, mas tinha, para seu agrado, a capacidade de atenuar a pena proferida, e daí que tenha começado a elogiar o rei, enchendo os testículos, o bojo e o traseiro descomunal do hosi, de glórias possíveis e imaginárias, de factos reais e irreais que ele, rei de tantos feitos, herói sem par na História, foi protagonista primeiro e único que a História registará enquanto os homens estiverem sobre a terra!

Dito isto numa voz exaltada, própria para a bajulação, o soberano mais não fez que acenar a cabeça, mostrando os dentes comidos pelo rapé e pelo álcool, e deixar que Molungo esprenesse o tumor. Este, com a argúcia que a vida ensinara, disse ao rei, em jeito de síntese, que a morte não seria digna para um homem que ousou cobiçar o corpo da rainha. Era necessário um castigo brutal e memorável na mente dos súbditos; por que não cegá-lo como faziam os tsongas em tempos que não importa recordar? Caso faças isso o teu poder imperial sairá fortificado nestes tempos tumultuosos em que os homens da cor de cabrito esfolado assediam o teu reino vasto. Cegai-o, imperador, perante os seus e verás que essa massa informe entrará em delírio, pois outra medida não os exulta tanto que as tradições que outrora esses vermes seguiam com toda a religiosidade!

Molungo sentou-se, ciente de que o mel é doce por

si mesmo e que Mputa seria homem de tirar as teias que o envolviam.

Bateste as tripas, disse o rei, satisfeito com tanto encómoio, e os outros, os maiores do reino, voltaram a mexer os olhos e o corpo em sinal de consentimento unânime, e pediram ao rei que cegasse Mputa perante os seus.

O rei ordenou que informassem o chitopo para que fizesse troar a chipalapala e chamasse os tsongas dos arredores para que representassem todo o povo do império que ia do Limpopo ao Zambeze. Dizendo isto levantou-se e pôs-se a caminhar em direcção à casa, pensando e repensando no discurso que exultaria os mais cépticos, enquanto os maiores do reino recolhiam às suas casas, comentando o que já deveriam ter comentado, sem ligarem à tarde que entrava e muito menos ao som que se elevava pelos ares, sobressaltando as espécies adormecidas há séculos, removendo águas paradas desde a criação do mundo e dos homens em cujos túmulos esquecidos plantas desconhecidas cresciam e multiplicavam-se, formando bosques impenetráveis onde os espíritos mais recentes repousavam do bulício humano e animal, enquanto seguiam com um sorriso jamais visto as barbaridades que os homens cometiam na infantilidade de razões inventadas e alimentadas durante séculos e séculos!

— Mputa esqueceu-se que a trovoada produz a chuva, filho. Mulher de rei é sagrada.

— Porquê, avô? O que ela tem entre as coxas outra mulher não terá?

— Não fales assim, filho, não fales assim, pois há anos atrás, o teu pai ainda não tinha nascido, houve um homem que ousou lançar impropérios jamais ouvidos

ao rei, e passou o resto da vida carregando os testículos sem fim. Não fales assim. Deixa-o Mputa. Deixa-o! Ele esqueceu que quem agita a lagoa levanta o lodo.

— Mas cacarejar não é pôr ovo, avô?

— Não fales mais, calemo-nos. Se Mputa tem razão sairá ileso, pois o macaco não se deixa vencer pela árvore.

E foi neste ambiente de comentários, próprios do vulgo, que Ngungunhane apareceu perante a multidão, com o seu saiote de peles e as caudas decorativas, acompanhado pelos maiores do reino e por Mputa, ladeado por guardas reais, no meio do tam-tam que ressoava das peles ressequidas como sons que vinham de entradas continuadas em séculos, troando pela tarde sem nuvens, bela, impoluta. E quando o silêncio se refez, o soberano, calmamente, com o orgulho que os changanas herdaram, dirigiu-se à multidão, dizendo que Mputa é uma palhota sem capim. Espantou o coelho e não tem coragem de correr atrás dele. Estas foram as palavras primeiras que puseram em delírio o povo tsonga que esquecera que estava perante o invasor que pisara naquelas terras com o sangue dos inocentes guerreiros nunca relembrados, e todos, exceptuando Domia, que estava ao fundo da multidão com as lágrimas presas nos olhos infantis, exoraram ao soberano a morte daquele que em tempos recentes colocara aos pés do soberano cinco cabeças de leões mortos à faca, numa luta corpo a corpo. As palavras exultava-os de tal modo que quando o rei lhes perguntou se devia ou não dar a palavra ao criminoso Mputa, animal semelhante aos machope, muitos duvidaram e outros recusaram tal direito. O rei sorriu, dizendo depois que daria a palavra ao cão, 'apesar de tal direito não lhe pertencer, pois os cães são cães'!

Mputa, com o seu corpo atlético, aproximou-se da

multidão e falou num tom tão sereno que o silêncio imperou como nas horas dormentes da sesta.

— Podeis matar-me, rei, podeis esquartejar-me. Vós tendes o poder imperial que pesa no vosso corpo desde a nascença. Mas eu, vassalo como todos os que vedes à vossa frente, nada fiz, nada disse a inkonsikazi. É esta a minha verdade. Sei que duvidais dela, pois a palavra da inkonsikazi é sagrada aos vossos ouvidos e a de todos os súbditos. Podeis matar-me, rei, pois há muito que foi dito que morrerei desta forma inocente. Mas antes de me matarem, peço que me submeta ao mondzo para que a minha inocência fique provada perante o seu povo. E mais não disse, pois os olhos, com um brilho indiscritível, carregavam toda a verdade que as palavras não conseguiam exprimir. E aqueles que tiveram a coragem de os ver viverem amargurados pelas insónias por se sentirem cúmplices dum crime.

O rei, ante as límpidas palavras de Mputa, teve que virar-se para o conselheiro, porque a dúvida, que nunca devia atingir o soberano em público, penetrou-lhe no corpo de forma tão intensa que as mãos tremeram. O povo, silencioso, não sabia já onde pender a cabeça. O rei outra coisa não fez que aceitar que submettessem Mputa ao mondzo, nome que leva o ordálio venenoso preparado nestas terras do império.

E foi num silêncio sepulcral que Mputa bebeu o mondzo sem pestanejar, sem mexer um músculo do corpo. E assim permaneceu durante minutos infindáveis perante a incredulidade do povo e dos maiores do reino que o olhavam, preto e reluzente na sua tanga de pele, com o sol a bater-lhe, ao feneccer do dia, no tronco, nas veias salientes e no cabelo riçado.

É feiticeiro, disse o rei com uma força jamais ouvida. E os feiticeiros não têm lugar no meu reino.

Não o cegarei como queriam que o fizesse, pois os feiticeiros agem na bruma da noite. Matá-lo-ei hoje e agora! E virou-se para os guardas que empurraram Mputa para o meio da multidão.

Domia com os seus treze anos, viu o pai a ser espancado e retalhado pelos guardas reais e por alguns elementos da população, pois os restantes, cientes da inocência de Mputa, retiraram-se da zona, tentando esquecer o que jamais esqueceriam.

Após arrumar as suas coisas, Domia saiu da cubata, endireitou a saia vergastada pelo vento que anunciava a chuva que desabaria na altura da sua morte, e pôs-se a caminhar em direcção à casa real, duvidando do seu acto, depois de quatro anos de espera. Sabia que ia morrer. Algo interior lhe anunciava a morte, uma morte terrível.

Ngungunhane, encostado à cobertura da casa que tocava o chão, alheio ao vento do infortúnio, fumava mbhangui, nome que leva a «cannabis espontânea», muito fumada pelos tsongas, pensando na desventura que tocara a sua casa, pois as suas trintas mulheres, espalhadas pela capital, há mais de quatro semanas que vertiam sangue pelas coxas, facto inédito na sua vida de casado e polígamo, quando viu Domia transpor o cercado da sua casa.

— O que vens fazer a esta hora?

— Limpar a vossa casa, hosi?

O rei olhou-a, viu os contornos das ancas, o tronco nu e os seios exsurgindo por entre a tira de pano que tentava cobri-los.

— Como é que te chamas?

— Domia, senhor.

— Domia... sabes quem foi Domia?

— Sei, hosi. Foi a mãe de Mawewe, irmão e rival de seu pai Muzila.

— Não chames irmão a esse cão! E por que razão o teu pai deu-te esse nome?

Domia baixou os olhos e nada disse. O rei mandou-a entrar na casa. Como a porta fosse baixa, ela teve que agachar-se e entrar gatinhando. O imperador seguiu-a com os olhos e depois entrou.

Vendo-a de pé e tremente, Ngungunhane arrancou a tira de pano que cobria os seios e puxou-a para si, com fúria dum animal que há muito não via o sexo oposto. Domia retirou a faca da saia e esperou pelo momento oportuno. Foi o seu erro.

Ela pensou, e bem, que o rei encostá-la-ia à parede e faria tudo de pé, pois nunca lhe ocorreria pela cabeça que o soberano levasse uma serva ao leito onde as rainhas se deitavam. Foi o que fez, depois de ter visto, durante o percurso, a ponta reluzente da faca.

— Queres matar-me? — perguntou o rei, ao que ela nada respondeu, pois tentou, de imediato, desferir a faca no peito do imperador. Este empurrou a mão da moça e sentiu a faca a penetrar na sua coxa direita. Não ligou importância. Retirou a faca da mão da moça e possuiu-a brutalmente, ela em baixo e ele em cima, ela esperneando e tentando batê-lo, e ele ofegando e tentando esmagá-la com o seu peso de homem e de rei.

Ultrajada e ferida no íntimo, e com os planos frustrados, Domia outra coisa não fez que cuspir na cara do rei e chamá-lo cão, coisa que ninguém, desde que o rei nascerá, tivera coragem de dizê-lo de frente, porque de trás sabia que tudo falavam, mas de frente, nunca! E tremeu. Tremeu ao ver os olhos reluzentes de Domia que incandesciam na casa sem janelas, como as de um gato enfurecido. Tremeu ao sentir-se aviltado como soberano. Tremeu ao sentir que a pala-

vra saía da boca de uma mulher. Tremeu ao se aperceber que a moça era filha de Mputa. E tremeu ao ver o sorriso de escárnio que despontava dos lábios da moça.

Minutos depois Domia era levada pelos guardas reais, com ordens terminantes de a fazer desaparecer da face da terra.

Quando a chuva desabou Domia deu o último suspiro, deixando a carne a ser desfeita pela chuva que não parou de cair durante semanas e semanas até que sobre a terra não restasse um osso. E o rei passou o resto da vida contemplando, a sós, o sulco que não mais se apagaria do corpo, fizesse o que fizesse.

E poucos foram os que souberam que Ngungunhane tinha uma marca indelével na coxa direita do seu corpo.

### Fragments do fim (3)

«Estão cumpridas as ordens de V. Exa. A coluna do meu comando efectuou a marcha sobre Manjacase. Chegado a langua, provoquei o inimigo em combate, bombardeando a povoação. Gente do Ngungunhane apareceu no bosque que circunda e oculta o Kraal, em pequenos grupos, respondendo apenas com alguns tiros de espingarda ao fogo de artilharia da coluna, que os dispersou rapidamente.

«Em seguida, deixando o comboio devidamente escoltado, marchei sobre o Manjacase, que encontrei abandonado, mas com muitas munições e objectos de uso dos habitantes, tudo na desordem própria duma precipitada fuga. Os auxiliares saquearam a povoação e o chigocho do régulo, que logo depois mandei incendiar, ficando tudo completamente destruído, e voltando com a coluna ao bivaque na langua.»

Assim começa o relatório à posteridade do coronel Galhardo. Um relatório pormenorizado, prolixo, mas falho em aspectos importantes que o coronel omitiu, ao não registar:

— O facto de ter profanado como um lâmpio o lhambelo, urinando com algum esforço sobre o estrado onde Ngungunhane se dirigia na época dos rituais e muito menos os escarros que atirou à parede de troncos, misturados com o tabaco do charuto que ostentava entre os lábios queimados.

— O roubo de cinco peles de leão que ostentou na metrópole, como resultado dum caçada perigosa em terras africanas.

— O facto de ter, pessoalmente, esventrado cinco negros com o intuito de se certificar da dimensão do coração dos pretos.

— O facto de se ter mantido sóbrio e sereno face às labaredas que comiam as palhotas da capital do império e ao choro da criança em chamas que gatinhava, desesperada, por entre as chamas e os troncos queimados e o capim e o adobe que desabava, procurando a vida na estupidez da guerra.

A propósito deste homem o então comissário régio de Moçambique (1895), António Enes, escreveu, anos mais tarde, nas suas memórias, o seguinte: se na galeria dos homens ilustres estiver inscrita a bravura, a tenacidade, o respeito pelo homem, a bondade, o amor à pátria, o coronel Galhardo tem assento por mérito próprio.

## Damboia

*A Aníbal Aleluia*

*Dai-lhe tormentos e lágrimas na mesma medida em que fez ostentação do seu luxo e das suas delícias, porque disse no seu coração: «Estou sentada no trono como rainha, não sou viúva e jamais conhecerei o luto». Por isso, num só dia, virão sobre ela os flagelos: A morte, o pranto e a fome. Ela será consumida pelo fogo, porque o Senhor que a condenou é poderoso.*

Apocalipse, cap. 18

I

Tirando o dia, a hora, e pequenos pormenores, todos foram unânimes ao afirmar que Damboia, irmã mais nova de Muzila, morreu de uma menstruação de nunca acabar ao ficar três meses com as coxas toldadas de sangue viscoso e cheiroso que saía em jorros contínuos, impedindo-a de se movimentar para além do átrio da sua casa que ficava a uns metros da residência do imperador destas terras de Gaza que, a seu mando, colocou guardas reais em redor da casa de Damboia, impedindo olhares intrusos e queimando plantas aromáticas que não tiravam o odor nauseabundo, do sangue que cobriu a aldeia durante aqueles meses fatídicos em que o nkuaiá (ritual anual e sagrado em que os súbditos, provenientes de todos os cantos do império, à corte se dirigiam, cantando e ofertando iguarias e outras coisas diversas ao soberano dos soberanos que tudo aceitava, no meio de cânticos de louvor ao imperador que no dia último do mês se dirigia ao lhambelo, nomeação do local sagrado, nu e acompanhado, para os rituais que culminavam com a matança de gado e de dois jovens, de ambos os性os, que entrariam no prato mágico que revigoraria o império e lhes daria forças para a bebedeira que se seguia e ao untento da manhã seguinte onde tudo se discutia com o protocolo e a moderação na linguagem como nos actuais parlamentos e assembleias) não se realizou,

apesar de se estar num ano de tumultos e guerras, porque a mulher da corte fora acometida por uma doença estranha, nunca vista nestas terras desde o tempo em que outra mulher, de nome Misiui, perdera leite pelos seios durante anos sem fim, enchendo potes e barris e levando gente de aldeias distantes e dos pântanos impenetráveis a visitarem-na com a curiosidade expectante de verem a mulher sáfara, de seios da dimensão de grãos de milho, que com todos conservava e fornecia leite às crianças e velhos doentes e moribundos.

Mas isso aconteceu em tempos recuados e não tocou uma mulher da corte como Damboia. Por isso, dizia Ngungunhane, mais importante era ela que os assuntos do império e enquanto eu estiver vivo as assembleias podem faltar, eu represento a todos, homens, mulheres, velhos e crianças deste império sem fim, dizia isto com toda a pujança na voz, como se os milhares de vassalos coubessem no corpo bojudo que a todos ostentava e que medrava de dia para dia com as responsabilidades infinitas que o império lhe dava, resolvendo-os com a voz e os gestos, pois papel não havia e as ordens eram escritas pela voz tonitroante que ressoava nas manhãs e tardes chuvosas e secas.

Mandei arautos por este império avisar, dizia, que Domboia padecia de uma doença mortal, contraída ao serviço do império que as suas mãos ajudaram a erguer, e todos, chefes e súbditos, amos e vassalos, devem pedir aos antepassados remotos e recentes para que a salvem desse mal incurável como fizeram com essa serva de nome Mfussi que outra coisa não via em seu redor que serpentes vermelhas e pretas a abraçarem-na, dia e noite, andasse por onde andasse. E não será à Damboia, mulher da corte e não vassala como essa Mfussi e outras mais, que a voz dos espíritos não

esconjurará os males de que padece. Salvem-na desta desgraça que não tocou a ele mas a todos, e se ela se vai, vai-se o império, homens!

E por isto e outras coisas mais que vos aprouver dizer, para o bem do reino, o nkuaia não se realiza. Na capital não ressoarão esses cânticos de louvor que nos rejuvenescem. Os guerreiros não baterão os escudos do bayete, levantando a poeira pré-histórica dos nossos antepassados esquecidos. O Sol e as nuvens não tomarão a cor dos dias da vitória, e o vento não trará a voz inapagável dos heróis nguni. Por isso, as leis que vigoraram até aqui irão vigorar, e eu serei homem de mais leis emanar quando para isso for necessário, porque o império é meu, e o poder pertence-me: Ide, vassalos, e apagai as tochas que por este império estiveram acesas. E para que os machope não se riam da nossa dor, tu, Maguiguane, vai por essas terras espalhar a morte e a dor. Eu quero que todos, mas todos, se compadeçam com a dor que nos atacou. Ide, guerreiros, que o império vos salvaguarda, agora e depois da morte.

## II

Quanto ao dia em que Damboia, postada ao umbral da sua casa, sentiu o sangue viscoso a escorrer pelas coxas, prenunciando o luar interminável da sua morte, as opiniões divergem.

Malule, que guardara a casa sinistrada de olhares intrusos, dissera-me que nesse dia as copas das árvores foram arrasadas pelo vento maldito que vinha carregado de conchas das profundezas abissais do mar distante. A tarde caía. As casas choravam. E os homens, tremendo, recolheram tudo o que de essencial tinham fora das

## Chuva anormal

### UNGULANI BA KA KHOSA

cubatas e entraram nas casas que gemiam com o vento e esperaram pela noite, rogando aos espíritos a cessação imediata daquele vento maldito. A noite chegou. No céu havia estrelas brilhantes e a Lua tinha um corte ligeiro. Não havia nuvens. E o vento, aumentando de intensidade, tirou o tecto das casas mais pobres e expôs à noite dos espíritos a pobreza de todos os séculos dos homens sem guarida e nome.

Ao amanhecer começou a cair uma chuva amarela, forte, de gotas grossas e pegajosas como a baba do caracol. Durante sete dias e sete noites as populações dos arredores de Mandlakazi, nome que as capitais do império levavam, sentiram na pele aquela chuva anormal. Na aldeia real havia sol e vento calmo. Nos primeiros dias era normal ver Ngungunhane dirigir-se aos arredores, acompanhado pelos maiores do reino, e contemplar aquela chuva azeda, apelando para a calma, tudo vai passar, a gazela não dança de alegria em dois lugares, homens, é preciso calma, muita calma.

Os que queriam refugiar-se na aldeia real recebiam chicotadas da guarda. E com razão, pois ninguém sabia que doença é que transportavam, assim porcos, cobertos daquela massa pastosa como se de ranho se tratasse. O rei tinha razão em afastá-los. Ele teria que viver para todo sempre, nem que isso custasse a vida de todos os súbditos.

Ao quarto dia os homens da corte refugiaram-se nas casas e deixaram de aparecer à rua. Um fenômeno estranho passava-se nos arredores: cadáveres sem nome e rosto apareceram à superfície das águas lodosas, se é que era água aquele líquido pastoso e espesso. Tionomba, chefe da aldeia circunvizinha, percorreu casa por casa a povoação, contando os vivos e perguntando pelos mortos que todos desconheciam, durante três dias e três noites, tempo igual de permanência dos

Cadáveres de outros tempos), Capítulo  
UALALAPI

cadáveres que desapareceram misteriosamente com a cessação da chuva, na sétima noite, o que levou os curandeiros a afirmarem que eram cadáveres de outros tempos esquecidos que vieram chamar atenção àquele povo que nada respeitava, e que murmurava tudo o que ouvia e o que não ouvia.

No sábado último do mês terceiro da dor, Damboia morreu. No dia seguinte, os cinco homens mais fortes da zona acordaram impotentes para toda a vida. E isso não foi o mais importante durante aqueles meses todos. A pior coisa que aconteceu durante aqueles meses foram as palavras, homem! Elas cresciam de minuto a minuto e entravam em todas as casas, escancarando portas e paredes, e mudavam de tom consoante a pessoa que encontravam. A violência que Ngungunhane utilizou para sustá-las não surtiu efeito. Elas percorriam as distâncias à velocidade do vento. E tudo por causa dessas tinlhoco — nomeação em tsonga dos servos — que saíam da casa de Damboia com os sacos cheios de palavras que as lançavam ao vento. Malvadas! Onde já se viu um indivíduo sem rosto vituperar uma pessoa da corte, uma mulher que todos servíamos com respeito e amor?... Pécoras, bestas sem nome, eram elas que levavam no saco histórias inventadas, dizendo que Damboia sofria da doença do peito que faz vomitar sangue pela boca, mas que ela vomitava entre as coxas, em paga da vida crapulosa que levava.

— Crapulosa?

— Não ligues. São palavras do vulgo. Não têm fundamento. Damboia teve a vida mais sã que eu conheci.

— Para onde vai o fumo, vai o fogo, Malule.

— Nunca hás-de encontrar água raspando uma pedra. Deixa-me falar. Eu conheço a verdade. Vivi na corte...

— Mas qual é o homem que não tem ranho no nariz, Malule?

— Se Damboia teve erros não foram de grande monta. Ela meteu-se com homens como qualquer mulher. E nisso não nos devemos meter. O tecto da casa conhece o dono.

— Mas o caracol deixa baba por onde passa.

— É tudo mentira o que ouviste por aí. Da boca dessa gente, só saem chifres de caracol. Inventam histórias, fazem correr palavras, dormem com elas, defecam-nas em todo o lado. É tudo mentira. Eu vivi na corte...

— Mesmo que caminhes numa baixa, a corcunda há-de ver-se, Malule.

Os olhos coriscaram na noite. Colocou duas achas no fogo que mortia e recusou-se a abrir a boca. Não insisti.

### III

*(luz)*  
Ciliane, que fora serva de Damboia, contou-me, com a sua voz roufenha, marcada pela velhice, uma versão diferente, afirmando a partida que Damboia tivera, naquele dia fatídico, os momentos mais felizes da sua vida.

Pela manhã conversou com o curandeiro que afirmou, entre outras coisas, que a realeza não é frequente, frequente é a vassalagem, advertência que ela não quis ligar, deslumbrada que estava com a manhã de sol a escorrer pelas árvores gigantes e anãs, enquanto os pássaros de mil cores trauteavam melodias nunca pautadas. Ao afastar-se da casa do curandeiro pôs-se a andar ao acaso, bamboleando o traseiro farto de carnes, pegando e despegando folhas castanhas e verdes, rin-

do por tudo e por nada, até que se cruzou com Ciliane que vinha com uma bilha na mão direita do seu corpo jovem e cansado de tantos trabalhos feitos e por fazer até adiantada idade em que as mulheres se arrastam às fogueiras onde contam histórias de nunca acabar, como a que Ciliane me contou sobre Damboia, megera e crapulosa mulher da corte de Ngungunhane.

— Para onde vais, Ciliane? — perguntou Damboia.

— Ao rio.

— Vamos juntas — disse, acompanhando-a, ela à direita e Ciliane à esquerda, pelos carroiros intermináveis, ladeados de plantas seculares que não iam além de um metro de altura. Ciliane mudou a bilha da mão direita para a mão esquerda e pôs-se a olhar continuamente os pés, sem saber o que dizer à Damboia que sorria, olhando as aves cortando o céu.

— Sabias que a mulher de Mosheshe meteu-se pelos pântanos, seguida pelos filhos menores? — perguntou Ciliane, olhando para os tornozelos de Damboia, enrodilhados de missangas que reverberavam ao sol.

— Não, não sabia. Por que fez isso? — retrucou, desinteressada.

— Não suportava ver-te.

— É corajosa... E o que se tem dito por aí?

— As palavras de sempre: és uma megera.

Mas porquê, Ciliane?... Que mal lhes fiz?

— Mataste homens, Damboia. Mataste Sidulo, Mosheshe, Sigugo e outros.

— E quem não matou, Ciliane? — os olhos caíram sobre Ciliane, lancinantes, aquilinos.

— Muitos.

— Mentes. Todos matamos. Tu já me mataste de diversas maneiras.

— Eu não. Nunca pensei na tua morte. Limito-me

a dizer o que se fala por aí. E são eles que afirmam que mataste inocentemente homens honestos.

— Não me faças rir.

— É o que dizem....

— Alguma vez recusaste ordens do teu amo?

— Nunca.

— Eles recusaram as minhas ordens.

— Mas que ordens, Damboia?... Não achas humano um homem recusar ir à cama com uma mulher?

— Quem eram eles para recusar as minhas ordens?... Gente da rua, sem nome, gente que nunca sonhou transpor a porta da minha casa. Se fossem homens de palavra ter-me-iam recusado na altura que lhes apontei o dedo.

— Temiam-te.

— E por que deixaram de me temer?

— Só tu é que deves saber... Antes de morrer, Mosheshe teria dito, segundo me contaram, que aqueles que o impontaram do mundo dos vivos teriam uma morte terrível.

— Referia-se a mim?

— Tu é que o mataste.

— Mandei-o matar, é diferente. Mas não foi o primeiro. Sidulo afirmou na minha presença que larvas iriam percorrer o meu corpo enquanto viva.

— Os dias nascem com cores diferentes, Damboia.

— É possível, mas eu vim de longe, Ciliane. Os piores dias virão com a velhice que detesto.

Mantiveram-se em silêncio contemplando as águas do rio que corriam pela planície, meneando as ancas reluzentes. Damboia despiu-se e atirou-se às águas. Estava bonita, disse Ciliane, aproximando uma acha de fogo. Era uma beleza indescritível, serena. Creio que a morte já tinha entrado naquele corpo esbelto. Ao entrar da tarde ela correu pela aldeia real, brincando

com as crianças que nunca tivera. Cumprimentava a todos que com ela se cruzavam. Ao fenecer do dia postou-se no ádito da sua casa e pôs-se a contemplar o Sol a cair, vermelho. Era quinta-feira. Mosheshe fazia duas semanas de defunto. Recordo-me que ela teria dito que aquele fora o melhor dia da sua vida. Estava radiante. Quando o Sol caiu ela sentiu o sangue a escorrer e limitou-se a dizer, sem grandes preocupações, que os dias estavam trocados. Entrou na cubata e não mais saiu dela com vida. E só foi pela noite adentro, se bem me recordo, que ela chamou por mim. Não havia estrelas no céu. Não havia luar. O vento era calmo. Quando entrei, gatinhando, senti as mãos a escorrerem por uma massa lodosa. Pensei que fosse água, mas não era. O chão estava empapado de sangue, e Damboia estava de pé, serena como sempre. Indicou-me o chão com os olhos e com as mãos. Passei a noite inteira emundando o chão. Ao raiar do dia notei que o sangue tocava os artelhos. Damboia tinha a capulana empapada de sangue. As paredes estavam tingidas de vermelho. O cheiro que pairava era o mesmo que as mulheres tinham em certos dias do mês. E eu estava cansada. Damboia nada dizia. Quem a visse naquela posição, ereta, distante, diria que ela pensava nos antepassados que nunca conhecera. De pé, com o corpo coberto de sangue eu esperava que ela dissesse qualquer coisa. Vai chamar Ngungunhane, disse, respondendo ao meu pensamento.

Quando saí da cubata notei que o Sol tinha as cores de sempre. As árvores estavam no mesmo lugar e as aves trauteavam as cantigas já conhecidas desde o princípio de todos os tempos. Os velhos andavam à deriva, sorvendo a manhã. As mulheres atiçavam o fogo e as crianças corriam, alegres. O mundo estava no mesmo lugar, facto que me espantou.

A conversa que ela teve com Ngungunhane levou horas e ninguém soube o que falaram. Mais tarde soube que o nkuaia não se realizaria. Esta decisão não foi acatada pelos velhos, pois o nkuaia não se realizava no ano em que o rei morria. Damboia não era soberana e não estava morta. Mas depressa os velhos acomodaram-se sobre o facto e os dias correram. Recordo-me que quando trouxe mais tinhloco (<sup>1</sup>) para limpar o chão e tratar da Damboia a casa estava cercada pelos guardas e o átrio estava inundado de sangue que a terra recusava digerir. As bilhas partiram-se aos bocados quando tentamos enchê-las de sangue. Optamos por tapar o sangue com a areia. E o sangue, para o espanto de todos, exsurgia sempre, atingindo a altura dos tornozelos. Damboia não falava, olhava. E só foi nos finais do primeiro mês que ela quis abrir a boca de novo. As palavras não saíam. A loucura invadiu-a. Começou a andar de gatas e a trepar as paredes da casa, como um réptil em desespero. Durante a noite uivava como os cães. Muitos dos guardas que cercavam a casa ficaram surdos para toda a vida e outros tiveram e têm acessos de loucura de tempos em tempos, como o Malule com quem falaste ontem. Outros, incapazes de suportarem aquele cheiro, largaram as armas e meteram-se pela floresta adentro, à procura da morte. O rei chamou os curandeiros famosos na zona mas pouco fizeram. Houve um, no entanto, que ficou dias e dias falando uma língua que ninguém entendia, e a única coisa que conseguiu foi trazer à razão Damboia, nas quintas-feiras últimas de cada mês. Nesses dias o sangue parava de jorrar e ela conversava com todos, alheia ao drama da sua vida. Como podes ver ela teve dois dias

*de sangue, grande*

de lucidez naqueles três meses. E para muitos foi a pior coisa que o curandeiro fez, pois ao entrar da noite os uivos recomeçavam com uma intensidade brutal e o sangue saía em catadupa.

Ao segundo mês, creio, choveu como nunca durante duas semanas. O sangue dela escorreu ao rio, tingiu-o de vermelho e matou os peixes que os nguni não comiam. Os crocodilos passaram a viver nas margens. Era normalvê-los à soleira das nossas portas ao raiar do dia. A princípio tentamos expulsá-los, mas eles vinham em maior número, aos milhares. Alguns velhos suicidaram-se. Outros, velhos e novos, morreram de sede, pois a água estava contaminada ao longo da extensão do rio. O lago das proximidades estava contaminado. E os poucos poços que haviam estavam reservados às pessoas da corte. Ngungunhane andava de um lado para o outro, afirmando que no império tudo andava bem e que havia grandes progressos, pois as colheitas nunca vistas encheram celeiros de nunca acabar, e as crianças que nunca nasceram vieram ao mundo mais gordas e sãs, e os velhos duravam mais anos, e os guerreiros mais batalhas ganhavam. Os que diziam o contrário eram pendurados nas árvores. Todos são felizes, e se o nkuaia não se realiza é porque Damboia está doente, homens, dizia, bramindo as mãos e elevando a voz. Se algo nos deve atormentar é a doença de Damboia. E passamos aqueles meses ouvindo essas palavras em todos cantos. Diariamente morriam pessoas, mas afirmava-se que morriam por velhice adiantada. Os que se suicidavam eram doentes mentais, indivíduos atacados pelos espíritos malignos. E os meses foram passando. E foi na quinta-feira última do mês terceiro da dor que Damboia, no meio da noite, deu o uivo mais lancinante que se ouviu durante aqueles meses. Morreu. Na manhã seguinte começou a chover

→ nados - mortos

e à superfície das águas apareceram nados-mortos das mulheres que sempre sonharam ter filhos. E era terrível termos que calcar aqueles corpos que se desfaziam aos nossos pés.

Ngungunhane, magro e sem voz, circulava como um sonâmbulo perdido, fumando mbhangui toda a hora.

#### Fragmentos do fim (4)

Vendo, logo que os pretos fugiram, sahir d'uma palhota próxima um homem de corda, perguntei-lhe pelo Gungunhana e elle apontou-me para a mesma palhota d'onde sahiria. Chamei-o muito d'alto no meio d'un silencio absoluto, preparando-me para lançar fogo à palhota, caso elle se demorasse, quando vi sahir de lá o Régulo Vatua que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo por o terem visto mais d'uma vez em Manjacase. Não se pôde fazer idéa da arrogancia com que respondeu ás primeiras perguntas que lhe fiz. Mandei-lhe prender as mãos atraz das costas por um dos dois soldados pretos e disse-lhe que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o então à força a sentar-se no chão (cousa que elle nunca fazia), dizendo-lhe que elle já não era Regulo dos Mangonis mas um matonga como qualquer outro.

Perguntei ao regulo por Quêto, Manhune, Molungo e Maguiguana. Mostrou-me Quêto e o Manhune que estavam ao pé d'elle e disse que os outros dois não estavam.

*Exprobei a Manhune (que era a alma damnada do Gungunhana) o ter sido sempre inimigo dos portugueses, ao que elle só respondeu que sabia que devia morrer. Mandei-o então amarrar a uma estaca da palissada e foi fuzilado por 3 brancos. Não é possível morrer com mais sangue frio, altivez e verdadeira heroicidade; apenas disse sorrindo que era melhor desamarral-o para poder cahir quando lhe dessem os tiros. Depois foi Quêto. Elle fora o único irmão de Muzilla que quizera a guerra contra nós e o único que fôra ao combate de «Coollela». Não tinha vindo pegar pé, como tinham feito Inguiusa e Cuiu seus irmãos.*

*Dizendo-lhe eu isto, respondeu que não podia abandonar o Gungunhana a quem tinha criado como se fôra pae, retorquindo-lhe eu: que a quem desobedecia e fazia guerra ao Rei de Portugal, deviam pae, mãe e irmãos abandonal-o. Mandei-o amarrar também e fuzilar.*

Extractos do relatório apresentado ao Conselheiro Correia E Lança, governador interino da Província de Moçambique, pelo governador militar de Gaza, Joaquim Mouzinho D'Albuquerque — 1896.

## O cerco ou fragmentos de um cerco

*A Wantamele*

I

Ao entrarem no décimo dia do cerco os guerreiros olharam para tudo com vida e sem vida que a terra comportava desde o princípio dos princípios e chegaram à triste conclusão de que o mundo perdera a sua beleza e o vigor de séculos. O céu e a terra tomavam a cor de cadáveres estripados. Os dias sucediam-se aos dias ao ritmo de sonâmbulos senis. As nuvens da chuva passavam à distância e o vento galerno efundia cânticos tristes dos insignes guerreiros, mortos em batalhas de machos, com lanças a cruzarem-se no ar e os escudos a chocarem-se estrondosamente no capim devastado pelos homens e pelos cânticos da vitória que retumbavam pela planície pejada de cadáveres e de serpentes que silvavam, enlouquecidas pela visão infernal que se alcandorava na planície.

Agora, esbulhados do vigor dos seus antepassados, os guerreiros encaneciam à sombra das árvores pardas, vendo as lanças a criarem escarpas da solidão e os escudos a servirem de ninhos aos ratos.

II

Maguiguane era então, e desde a entronização de Ngungunhane, o chefe militar do imperador das terras

de Gaza. Nos primeiros dias do cerco era normal vê-lo conversar com os guerreiros pelos diversos acampamentos. Depois, atacado pelo torpor das manhãs e tardes, fechava-se na cubata e passava as horas à escuta de sinais de mudança. À noite, e só à noite, atrevia-se a sair da cubata. Envergava as vestes de guerra, ataviava a cabeça com penachos de plumas, pegava na lança e no escudo, mirava-se de cima a baixo, saía da cubata, e caminhava em direcção a Macanhangana, seu lugar-tenente, que o esperava no mesmo sítio e à mesma hora.

— Incrível!

*rei chope*  
— Pois, no mesmo sítio e à mesma hora desde o primeiro dia do cerco à fortificação de Chirrime, onde Binguane, rei chope, e o filho Xipenanyane se encontravam sitiados, com as mulheres, velhas e crianças. E os guerreiros, evidentemente. Os dois não se cumprimentavam. Maguiguane olhava para o lugar-tenente e adiantava-se. Seguiam em silêncio pelo acampamento principal, ouviam os risos gastos e as histórias com variantes conhecidas, pisavam os mesmos sítios, contemplavam as mesmas cubatas, os arbustos de sempre, o céu da mesma cor, as estrelas sem brilho e a Lua parda e cortada. Saíam do acampamento principal pelo mesmo carroiro, desciam a pequena encosta, contornavam os escolhos de sempre, acercavam-se do poço, olhavam com a mesma intensidade os guerreiros que conversavam junto à fogueira e seguiam em direcção à fortificação que levava o nome genérico de nkocolene, e percorriam-na de ponta a ponta. À medida que caminhavam contornavam pelos mesmos sítios as fezes espalhadas e os vômitos das bebedeiras e os lagos de mijo que criavam peixes sem barbatanas e olhos. Percorrido o cercado voltavam ao carroiro de sempre e subiam a pequena ladeira que os levava ao terreiro

com árvores espalhadas e fogueiras trementes. Macanhangana quebrava o silêncio e dizia as palavras de todos os dias no mesmo tom grave e longínquo dos dias todos.

— Não vão aguentar.

— É isso, não vão aguentar — ripostava Maguiguane e seguia em direcção à sua cubata. Minutos depois Macanhangana fazia o mesmo.

### III

Noite. As hienas uivam. As serpentes silvam. Os homens sonham. As corujas pião. Os mosquitos zunem, entram nas cubatas, atiram-se à carne, sugam o sangue; uma morre, outra atira-se à parede de paus, e outras esperam: sentem o sangue quente no ar, zunem, mordem, vivem, morrem.

Há um silêncio dissimulado, falso. As chamas perdem a força no terreiro deserto. O vento levanta folhas dispersas. Ouve-se o ribombar de trovões à distância, muito ao longe. Chove na capital do império. Macanhangana bebe, bebe interminavelmente o sope. Teme a noite. Vê as paredes da cubata a tremerem. Sente a casa a ondular. Agarra-se à enxerga. Os olhos brilham. Duas lágrimas saltam. Chora. As corujas pião. O vento levanta timidamente a palha das cubatas. Maguiguane pensa no rei. O rei pensa na sua concubina, Vuiazi, mãe de Golide, que desapareceu misteriosamente com as ancas, o corpo, o sorriso, o rosto macio, negro, brilhante. Vuiazi pensa em Kamal Samade, comerciante árabe que se internara nos pântanos de inhafura por o acusarem de dormir com Vuiazi. Maguiguane adormece. Sonha a mesma coisa. Vê serpentes a devorarem cobardemente os homens,

milhares de homens. As mulheres ficam, chorosas, perdidas na planície. Os guerreiros ressonam. Os guardas perscrutam a noite. Sentem o aproximar das hienas. Vêem o brilho dos olhos. O olhar faminto. O passo trôpego. A Lua perde-se numa nuvem passageira. Macanhangana agarra-se à enxerga, quer vomitar, não consegue; olha para o tecto, vê as estrelas sem brilho por entre as frestas do capim. Maguiguane ressona. O rei sonha alto, chama pela Vuiazi, agarra-se à enxerga ataviada, transpira, peida, tosse, ejacula. Vuiazi pensa na pederastia de Kamal Samade, doença e mania desconhecida nestas terras de Gaza. A noite foge. Os guerreiros temem a manhã, o Sol, o vento dos cânticos esquecidos, a terra sem cor, as árvores com folhas murchas, o céu sem nuvens, a planície morta.

## IV

- Qual é o significado do sonho?
- O leão ruge na selva, Maguiguane.
- E as mulheres, Mabuiau, as mulheres?...

O mesmo diálogo. As palavras de sempre. Os gestos de todos os dias.

Maguiguane acorda sobressaltado. Vira e revira os olhos. Não vê serpentes. Vê fiapos de luz a caírem no chão. Soergue-se apoiado pelos cotovelos. Vê o corpo despedaçado pela luz. Chama Mabuiau, seu velho conselheiro. Levanta-se. Acaricia a lança. Mabuiau entra, senta-se sobre o círculo de luz. Espera. Maguiguane conta o sonho. Faz as perguntas. Ouve as respostas. Mabuiau sai. A manhã cresce. Maguiguane aproxima-se da parede e espera pelos sinais de mudança. Macanhangana dorme profundamente. Os guerreiros espreguiçam-se, caminham para as mesmas árvores, sentam-se nas

mesmas sombras e contam as mesmas histórias. Os que ouvem esforçam-se por esquecer o enredo inicial. Os que contam fingem esquecer as sequências posteriores. São trinta mil guerreiros.

## V

*visas e parte da fala*

Nada se ouve. As horas passam. Os guerreiros esperam. Esperam pelo sinal, pelo choro de todos os dias, da mesma hora, e com o mesmo ritmo. Nada ouvem. Os murmúrios cessam. Contam os dias. Enganam-se. Acertam. Riem-se. Esperam. Um dos guerreiros aventura-se a trepar o cercado de vários metros. Sobe pelos troncos, hesita, escorrega, volta a subir, atinge as pontas pontiagudas, espreita, demora-se uns minutos. Os outros aguardam. Estão impacientes. O guerreiro desce. Tem os olhos fora das órbitas. Treme.

— Perdeu a fala — diz um. A frase arrasta-se de boca em boca. É envolvida pela saliva, é enxertada, cresce, ganha novas dimensões e chega aos ouvidos de Maguiguane:

— Enlouquecidos pela fome os homens devoram as mulheres e as mulheres devoram as crianças. O rei e os maiores apontam a dedo a carne para o repasto. Ninguém fala no kocolene.

Maguiguane ri. Os trinta mil guerreiros riem. Macanhangane dorme. E a frase volta ao princípio.

*Lane  
severa  
cresce*

— É verdade?

— Não sabemos. Este homem perdeu a fala. Queres tentar subir?

— Não. Ainda quero contar isto aos meus filhos.

— E tu?

— Não.

— Porquê?

descrição do mundo de inf.

- Isto não é guerra, irmão.  
— Tens razão.

## VI

A lança corta o ar. Perfura a parede de adobe. Tremo. Um som eleva-se e perde-se no ar. Uma racha sulca a parede, fina, tremente, sinuosa. Uma segunda lança perfura a parede uns centímetros acima.

A racha alarga-se, cobre a parede de cima a baixo e pequenas lascas caem, soltas, perdidas. Binguane olha para a racha e não lhe ocorre nenhuma imagem. Xipenanyane vê a fractura e nada lhe ocorre. Uma terceira lança é atirada. O som mantém-se no ar por segundos e lascas maiores saltam, chorosas.

— Se Maparato não vier até amanhã atacamos — diz Binguane,

— Já devíamos ter feito isso há muito tempo.

— Eles são mais de vinte mil. E nós não passamos de cinco mil, Xipenanyane. É por isso que aguardamos Maparato.

— E quantos de nós já morreram?

— Alguns.

— Alguns?... Já estamos mortos, todos nós, pai. É por isso que me pergunto sempre: que guerra é esta?

— Pergunta a Maguiguane.

— Nunca falarei com esse vassalo nguni.

— Nem ele contigo, Xipenanyane. Mas deixemos isso. É preciso reunir os guerreiros.

Separam-se. Ao longo de toda a fortificação vêm-se guerreiros a comerem com sofreguidão os escudos de pele que os protegeram em intermináveis batalhas. Cadáveres sem sepultura jazem à superfície da terra revolvida na procura de raízes inexistentes. Crianças de

barrigas enormes caçam moscas verdes que esvoacam sobre os cadáveres. Mulheres com crianças ao colo circulam como sonâmbulos sem destino pelo cercado. Xipenanyane aproxima-se da ponta norte do cercado. Vê guerreiros lutando pela posse de bosta fresca da última cabeça de gado abatida para os chefes. Três guerreiros lutam pela posse dos líquidos intestinais. Um pouco distante da cena uma mulher dá a sua urina a uma criança. Os arbustos que outrora povoavam o cercado desapareceram. As casas envelheceram. Os velhos incapazes de se sustentarem com as bengalas, circulavam pela fortificação de gatas. Os miúdos, convencidos da existência de ratos, passavam as tardes fazendo ratoeiras que destruíam na manhã seguinte. E já ninguém chorava. Todos riam. Um riso que parava nos lábios.

Xipenanyane leva as mãos ao rosto e entra numa cubata. Do outro lado da fortificação elevam-se gargalhadas sonoras.

## VII

Os guerreiros saltam na planície. Maguiguane circula à luz do dia. As lanças voltam a ter o brilho da vida. Os escudos desembraçam-se dos ratos. Os dias voltam a ser dias. Os risos renovam-se. Batuques troam. O vento é outro. As árvores são outras. A terra é outra. O sangue é outro. A guerra de todos os séculos aproxima-se. O rei, a milhas de distância, acorda bem disposto e pergunta pela guerra. Maguiguane está satisfeita. Macanhangana sente que as mãos não tremem. Os guerreiros treinam. As lanças sibilam. Os escudos chocam-se.

— Atacamos amanhã, Macanhangana.

— Já devem estar mortos.

— As gerações vindouras regozijar-se-ão dos nossos feitos guerreiros.

Binguane sente que as palavras não lhe chegam à boca. Os guerreiros esperam. Xipenanyane avança. Já se sente rei. Os guerreiros ouvem-no. Esquecem-se de Binguane, o velho rei. Seguem as palavras de Xipenanyane. Sentem forças nas pernas. Seguram as lanças com as mãos. Mantêm-se firmes.

— Vamos lutar e morrer se for necessário, mas o nosso desprezo pelos nguni manter-se-á por séculos, porque esta terra é e será nossa. E se lutamos hoje é para que os nossos filhos não vejam as orelhas dilaceradas pelos nguni. O nosso não é para que as nossas mulheres não sejam escravas e os nossos filhos não engrossem as fileiras desse exército bárbaro. A razão pende para o nosso lado, guerreiros.

Iremos para a luta com a certeza da vitória, apesar deste cerco criminoso que moveram contra nós, um cerco que contraria os princípios mais elementares de uma guerra de homens, de uma guerra que os nossos antepassados mais remotos cultivaram com a certeza de que os homens olham-se de frente e as lanças chocam-se sob o olhar atento dos guerreiros. Lançaram esta guerra de serpentes pensando na nossa morte imediata. Mas estamos vivos e a nossa luta será por igual, apesar do elevado número de guerreiros que estão fora deste cercado.

Preparem-se para a vitória, guerreiros, preparem-se para matar esses invasores nguni. A razão está do nosso lado e os espíritos protegem-nos.

— Há pouco estava eu a dizer a Macanhangana que o leão ruge na selva. Com isso quis dizer que é chegada a altura, guerreiros, de entrarmos em acção. Durante dias não tivemos outro objectivo que dar opor-

*machope - "animais selvagens"*

tunidade aos machope de virem a nós e entregarem as lanças, as zagaias e os escudos. Não o fizeram. E por uma razão muito simples: são animais. É isto que esquecemos, guerreiros. Um animal habituado à selva nunca conviverá com homens e muito menos seguirá as regras mais elementares da existência humana. E esta verdade não a inventei, mas disse-a o nosso rei. Ngun-gunguhane há muitos e muitos anos. Nessa altura ele convidou-os para esta grande comunidade de homens que somos e que construímos. Recusaram a nossa mão caridosa e preferiram andar a monte, incomodando-nos à noite com os seus uivos e estragando as nossas machambas. Houve alturas que chegamos a construir currais para esses animais machope, mas eles preferiram a selva, aos dias sem rumo.

A nossa paciência tem limites, guerreiros. Hoje é o último dia que damos a Binguane para se entregar. Amanhã, caso não se entregue com os seus homens, passaremos sobre os cadáveres desses animais e convidaremos o nosso rei, esse imortal herói nguni, para que contemple a planície pejada de cadáveres que servirão de repasto às aves por séculos sem conta.

Não pensem que haverá guerra. Não, não haverá guerra. Nós não lutamos com animais. Nós matamos os animais. Se vos mando treinar é para afugentar a preguiça que cultivaram nestes dias de repouso. Por isso, preparem-se, guerreiros, não para a guerra, mas para matarem esses animais selvagens que se chamam machope.

## VIII

- Chamas. Sangue. Gritos. Choros. Morte. Fuga...
- Cadáveres...

— A solidão acima de tudo. O silêncio depois da matança. O mundo sem sentido que fica. O vazio que paira depois do crime.

— A morte não está com os mortos.

— A morte ficou nos intrépidos guerreiros de Maguiguane.

## IX

A matança foi de tal ordem que gerações vindouras sentiram o cheiro de sangue quente misturado ao capim. As populações da zona emigraram para sempre, incapazes de suportarem o cheiro dos mortos que se colara ao adobe das cubatas. As famílias que resistiram ao êxodo durante meses viram-se na contingência de abandonar a zona pelo simples facto de o milho ter o sabor do sangue humano e a água dos poços conter restos de ossadas humanas.

A batalha durou uma manhã e uma tarde. Ao cair da noite a matança terminou. Xipenanyane e Maparato fugiram com alguns guerreiros, deixando o cadáver de Binguane e de outros guerreiros da corte chope. Face ao número elevado de cadáveres Maguiguane ordenou aos seus homens que levantassem o acampamento. Fora da zona, Maguiguane obrigou os guerreiros a tocarem o batuque da vitória. Mas ninguém, incluindo Maguiguane, sentiu-se aliviado da tensão, da solidão.

## X

— Ngungunhane sentiu-se regozijado.

— Não, creio que não. O único gesto que fez foi agradecer aos guerreiros pela batalha heróica e reco-

lher à cubata sem contemplar a cabeça do seu inimigo.

Os guerreiros dispersaram-se em silêncio. Macanhanga voltou a beber durante as noites. Maguiguane teve que chamar um curandeiro para tirar-lhe do corpo o cheiro dos mortos. E consta que os homens que voltaram a passar pela planície de Chirrime tiveram que passar sobre cadáveres apodrecidos e por apodrecer durante uma manhã, uma tarde e uma noite. Sobre os cadáveres jaziam aves mortas pelo excesso do repasto.

Fragments do fim (5)

*Felicito em nome do governo português V. Exa. pelo  
brilhante feito de armas que acaba de praticar e re-  
cebo das suas mãos o ex-régulo de Gaza, Mundungaz,  
vulgo o Gungunhana, Godide e Molungo, filho e tio  
do mesmo Gungunhana, assim como as mulheres deste  
Namatuco, Fussi, Patihina, Muzamussi, Maxaxa, He-  
sipe, Dabondi, ex-régulo de Zichacha, Matibejana e  
mulheres d'este Pambane, Oxóca e Debeza, traidores  
à Pátria que ousaram contra ela levantar armas. O Snr.  
Governador do distrito queira mandar lavrar o auto  
d'esta entrega e outro de reconhecimento de identidade  
dos referidos prisioneiros.*

Palavras do Sr. Conselheiro Correia, go-  
vernador interino de Moçambique, ao rece-  
ber das mãos de Mouzinho D'Albuquerque,  
governador militar de Gaza, os prisioneiros  
de Guerra.

6 de Janeiro de 1896

# O diário de Manua

*A Elias Cossa*

## I

Por entre os escombros daquilo que fora a última capital do império de Gaza encontraram um diário com uma letra tremida, imprecisa, tímida. As folhas, amontoadas ao acaso, estavam metidas numa caveira que repousava entre ossadas humanas e animais. Não há referência do seu autor, mas sabe-se que pertenceu a Manua, filho de Ngungunhane, que em finais de Julho de 1892 embarcou no paquete Pungué de Moçambique a Lourenço Marques. Os registos da época dizem que o paquete saiu manhã cedo. Velas enfunadas puxavam pequenas barcaças à costa. Nuvens escuras cobriam o céu. Dois moços acenavam com chapéus ao amigo que desaparecia no navio. Uma chuva miúda acompanhou o barco até ao mar alto, fora do horizonte das pessoas que não ia muito além das poucas milhas da costa onde o mar glauco e revolto levantava ondas que se desfaziam nas pedras do pré-câmbrico, despojadas das suas escarpas que foram testemunhas de cenas várias, como a do viajante zarolho que por estas terras aportou com um volumoso manuscrito entre as mãos e que mais versos fez, cantando esta ilha enquanto saciava a sede e a fome que o atormentava, ante o espanto e a comiseração das negras islamizadas em verem um branco esquálido, longe de saberem que aquele homem

*diário*

Manua, filho  
de Ngungunhane

*viajante zarolho*

magro e famélico relançaria ao mundo uma terra que os pedestres de pés cambados a percorrem numa semana sem outro esforço que olhar a paisagem.

Na primeira noite, contrariando o hábito secular dos guni, Manua comeu peixe. Achou-o saboroso e vituperou a sua prole. Bebeu um litro de vinho, arrotou e saiu da mesa. Passeou pela ponte, cumprimentou o capitão do navio e postou-se na amurada do navio, fumando um cigarro enquanto olhava para as estrelas e a Lua que atirava fiapos de luz à esteira prateada que o navio sulcava. O marulhar das águas reconfortou-lhe o espírito. Recolheu ao beliche que lhe estava reservado e dormiu. Sonhou com lanças e savanas secas e verdejantes. Viu serpentes a enrodilharem-se no corpo bojudo do pai e sorriu. Ao findar da madrugada acordou sobressaltado. Pancadas insistentes e ferozes caíram na porta do camarote. Puxou os lençóis para o lado esquerdo, saltou da cama e, já junto à porta, sentiu algo viscoso e escorregadio a colar-se às plantas dos pés. Arroz em pasta cobria o soalho. Cabeças de peixe com olhos brilhantes e reluzentes repousavam à superfície da pasta de arroz. O vinho coloria, aqui e ali, o arroz que um líquido amarelo azedava. Bolhas enormes rebentavam de segundo a segundo. Era o seu vômito. Incrédulo ainda ficou parado, contemplando o vômito. As mãos escorreram pela porta. O corpo foi-se dobrando. Os joelhos assentaram no chão. Chorava. O cheiro começou a invadir as narinas. Levou a mão direita ao nariz. Voltaram a bater à porta. Com ajuda das mãos ergueu-se e abriu a porta. O comandante do navio e os seus dois lugar-tenentes olhavam-no com certa gravidade.

— Tens a sorte de seres filho do rei, rapaz — disse o comandante. Caso contrário limpavas esta merda toda e atirava-te depois pela borda fora, seu preto... Olha

para esta porcaria... Olha, vê bem a merda que fizeste...

Um fio que ia-se alargando até ocupar a extensão do corredor, saía do camarote. Era o vômito. O vômito com tonalidades vermelhas e amarelas. Eram cabeças de peixes. Era o cheiro. Eram as moscas a zumbirem. Inacreditável, pensou Manua. Sentiu tremores nas pernas, transpirou pelos sovacos e encostou-se à parede do corredor. A boca estava seca e os olhos, tais como os dos peixes saíam das órbitas, enormes.

— Siga-me — disse o capitão do navio.

Em todo o lado o vômito cobria o soalho, vermelho, amarelo. Dos peixes só se viam as cabeças enormes. As moscas percorriam os corredores, entravam nos camarotes, cobriam a ponte e zumbiam. Os passageiros, encostados à amurada do navio, vomitavam, incapazes de suportarem aquele chão pegajoso, lamacento, sujo e mal cheiroso. O mar, em redor do barco, tomava a cor do vômito. Peixes vinham à superfície, mortos. As mulheres gritavam, histéricas. As crianças desmaiavam. Os homens berravam, insultavam, falavam dos pais e avós. Os faxinas corriam de uma ponta a outra do paquete com panos e água sem saberem por onde começarem.

E Manua chorava. Minutos depois recolheu ao beliche. Levantou os lençóis e viu-os impecáveis, exceptuando um borrhão de esperma. Olhou para a roupa e viu-a sem nódoas, exceptuando a parte dos joelhos. Sentou-se na borda da cama. Os faxinas entraram no camarote e limparam o soalho, olhando de soslaio o preto, filho do rei que os portugueses tanto temiam. Saíram. Manua abriu a maleta, tirou papéis, uma caneta e tinta. Escreveu. Falou do pai e chamou-o ignorante e feiticeiro. Falou do seu tempo de estudante, afirmindo que uma vez borrou o quarto de merda durante a noite, deixando a cama limpa. Hoje, escre-

*mundo dos brancos*  
*× os negros*

## UNGULANI BA KA KHOSA

veu a dado passo, vomitei. O comandante do navio nada entende de feitiço. Se comprehendesse alguma coisa talvez entendesse o facto de eu ter sido dos poucos na minha tribo, que teve acesso ao mundo dos brancos, à sua língua, aos seus costumes e à sua ciência. Mas ele não pode entender o mundo negro, os nossos costumes bárbaros, a inveja que norteia a nossa vida e as intrigas que nos matam diariamente.

Quando eu for imperador eliminarei estas práticas adversas ao Senhor, pai dos céus e da Terra. Serei dos primeiros, nestas terras africanas a aceitar e assumir os costumes nobres dos brancos, homens que estimo desde o primeiro dia que tive acesso ao seu civismo são.

A mão tremeu. Não conseguiu continuar. Dobrou o papel em quatro partes, guardou-o na maleta e atirou-se à cama, tentando dormir. Ao cair da noite ainda se ouvia o barulho das escovas sobre o pavimento de madeira. Não quis comer. Esperou que os passageiros recolhessem aos camarotes de modo a poder sair.

— Vocês admitem pretos nestes barcos e o resultado é este, capitão. O senhor sabe que a minha mulher desmaiou?

— Não. Mas o senhor deve compreender que o moço é o filho do rei das terras do sul.

— Qual rei, qual merda, os pretos nunca tiveram reis capitão! Isso é história. No seu lugar atirava-o pela borda fora. É o que ele precisa, preto de merda.

— O senhor tem razão — disse um terceiro, acercando-se. — O comandante devia atirá-lo ao mar.

— Isso não faço. Mas custa-me acreditar que o moço tenha enchido o navio de vómitos.

— O capitão anda a insinuar o quê, eh!... O senhor acha que um branco como eu e outros que por aqui andam não sabem onde devem vomitar?

## UALALAPI

— Eu não queria dizer isso, mas custa-me acreditar neste facto.

— Isso é bruxaria — disse o primeiro interlocutor do capitão. — Andei eu este tempo todo pelo sertão e vi coisas incríveis, capitão. Se vos disser que vi aldeias a envelhecer do dia para a noite, vocês acreditariam?

— Conte lá bem essa história — pediu o capitão.

— Conto-vos, lá isso conto-vos, e não pensem que quem conta uma história, acrescenta um ponto. O que vos vou contar é tão verdadeiro como verdadeiro é o nome de Maria das Dores que a minha mulher leva e que tanto sofreu com os vómitos deste preto malvado. A história não se passou há muito tempo, foi há bem pouco tempo e para comprovar isso é a minha presença neste navio que me leva a mim e a minha mulher para Lourenço Marques. Estava eu e mais uns portugueses à caça dos vendedores de escravos, esse comércio abominável feito por pretos, quando soubemos, por um informador negro, que estávamos a um dia de marcha duma aldeia com escravos por embarcar para Madagáscar. Caminhamos durante a manhã, a tarde e parte da noite pelo sertão, sujeitos a todos os perigos, quando ouvimos, já noite alta, vozes estridentes. Estávamos a dois passos da aldeia. Havia fogo no terreiro. Os pretos dançavam. As mulheres, nuas, dobravam-se que nem uma cobra ao som do tambor que ensurdeceria a qualquer de nós portugueses, não fosse o hábito que temos de andar por estas terras. Estavam de tal modo bêbados que faziam as vergonhas da cama em plena luz do luar. O nosso erro foi de não atacá-los naquela noite. Optamos por cercar a aldeia e esperarmos pela luz do sol. E assim fizemos. Ao raiar do dia entrámos na aldeia com as armas em riste e encontrámo-la deserta. E para o nosso espanto havia

*comércio  
de  
escravos*

termiteiras por todo o lado e as palhotas caíam ao mínimo toque. Nas árvores só víamos macacos. Inacreditável. Espancámos o informador. O preto, a contorcer-se de dores afirmou-nos que era feitiço o que víamos, pois os homens, segundo ele, estavam nas árvores, transformados em macacos, e as mulheres eram as termiteiras que enchiam a aldeia. Não acreditámos. Saímos da aldeia e durante a manhã os macacos perseguiram-nos à distância. A meio da manhã almoçámos debaixo das árvores e veio-me a ideia de voltar à aldeia. O guia acompanhou-me. Ao cair da noite chegámos à aldeia. As casas estavam novas e os pretos dançavam e bebiam.

— Inacreditável — disse o capitão.

O outro manteve os olhos abertos.

— É isso. Que cortem os tomates do meu pai se minto. Vi eu com estes olhos. E sabem o que fiz?... Deixei a farda sobre a secretaria do comandante e embarquei neste navio com a minha mulher. Vou abrir uma loja em Lourenço Marques. E se não volto à Europa é porque não tenho um tostão no bolso, capitão. Tenho que viver ainda por largos anos no meio destes pretos. E há mais histórias por aí. E pensando bem, capitão, a melhor coisa a fazer é colocar dois homens à porta do camarote do moço. O que o miúdo fez foi para mostrar aos brancos a força da bruxaria destes pretos.

— Você tem razão, senhor...

— António Matos.

— Certo, senhor António Matos. É preciso ter o estômago duma baleia para tirar um vômito destes. Meto dois homens à porta do camarote e não o deixo sair, nem para a casa de banho, preto de merda.

— É a melhor coisa que faz, capitão. Há pessoas por aqui que estão na disposição de esfaqueá-lo. Já vi

→ Manua chorava ao ouvir  
conversa sobre ele.

um preto a ser esfaqueado. Em vez de sangue saía água, capitão.

— Que raça!

— Se eu fosse rei tirava os portugueses destas terras e deixava os pretos na sua vida selvagem, pois de nada nos vale estar aqui com histórias de civilização. Estes pretos gozam connosco, capitão. Você diz que o moço esteve a estudar. Mas eu aposto consigo que o miúdo, ao chegar à terra, tira as calças e os sapatos e volta a vestir os saiotes de pele.

— Estes pretos são duros de roer.

— É verdade.

— Está-se a fazer tarde para mim. A senhora deve estar preocupada, coitada. Boa noite.

— Boa noite.

Dispersaram-se. Manua tirou o ouvido da porta e chorou. O navio oscilou para a direita e voltou à posição inicial. Os passos foram-se perdendo nos corredores do navio. O capitão dirigiu-se à cabine do comando. Manua atirou-se à cama.

O diário não faz referência aos dias subsequentes. Mas sabe-se, por outras fontes, que o moço não saiu do camarote. Os dois guardas tentaram convencer a meio mundo que viram luzes estranhas a circular pelo navio. Mas ninguém os acreditou. No dia dois de Agosto o paquete atracou no porto de Lourenço Marques. As malas saíram dos camarotes. Os passageiros começaram a descer. Manua foi dos últimos a descer. Dois guerreiros aguardavam-no. Traziam lanças e escudos. O Sol ia a metade do céu. Havia camadas de poeira no ar. Os brancos, em grupos de dois, três e quatro aguardavam Manua. Alguns estavam atemorizados pelas histórias que os passageiros contaram, pois não foram poucos os que afirmaram que o moço, além de vomitar, meteu o vento pelos camarotes adentro, fazendo

esvoaçar a roupa e incomodando as pessoas. Quando se saía dos camarotes, o vento, calmo, a ninguém incomodava. E o pior comadre, foi a vez que acordámos sobressaltados com os peixes que entravam pelos lençóis adentro. Eram peixes deste tamanho, grandes. E por que não os apanharam, comadre? Se não apanhámos, cada vez que ia um pela borda fora apareciam cinco, comadre. Que bruxaria... E não os comeram? Não diga isso, comadre, tinham patas. O quê? Patas, comadre. Pareciam lagartos, comadre. Deviam queimar o moço, comadre. Aquilo era só pegar-lhe e deitar-lhe no forno. Isso não dava nada. Talvez, mas atirava-o pela borda fora, pois já o meu avô dizia, morre o bicho, acaba-se com a peçonha. Não nos chame parvos, comadre. O capitão tinha uns tipos armados à porta do preto. Vocês são uns cobardolas. Nada disso. Olhe para aquele homem adiante, andou pelo sertão e disse-nos que não valia a pena matar o moço, pois vira uma vez um preto a ser esfaqueado e em vez de sangue saía aguardente, e da boa, comadre. Aguardente? Aguardente, comadre. Que bruxaria!... Por aqui acontecem coisas, mas até a esse ponto, não. Olhe, vem af o moço. Veste-se como um branco, comadre. O miúdo não tem cara de maltês, não. E estudou muito mais que o comadre. Não diga isso, comadre, que escrever sei eu. Mas o moço tirou o curso de artes e ofícios. Nada vale um curso desses nas mãos de um preto. Deve ter razão, mas o moço fala bem o português. Qual português, qual quê... Olhe, o moço tem olhos de bêbado. É da bebedeira que apanhou. O capitão disse que o moço bebeu um barril de vinho. E com razão, pois um vômito daqueles era de enjoar uma baleia, comadre. O vinho é o negócio forte aqui. É da raça, bebem que nem uns cães. Mas o moço está envergonhado; é da bruxaria, comadre. Tem razão. E olhe para os pretos

que o esperam. É a tropa deles, comadre. E onde se vai hospedar? Na minha estalagem é que não, de bruxarias ando eu farto; mas é possível que vá à casa dos Albasine. Quem são? Uns mulatos. Lá se entendem. Vamos que se está a fazer tarde, comadre, a patroa tem um cabrito no forno.

## II Kamal Samade

De 1892 a 1895, ano da sua morte, o diário nada diz, pois as folhas foram comidas pelos ratos. As letras que restaram estão soltas. Juntando as cinco letras tem-se a palavra morte. Ou temor. Ou tremor.

Kamal Samade, que pela capital passou, deixou as suas impressões em árabe, escritas em folhas desordenadas. Pela sua pena sabe-se que Manua, desde a chegada, tornou-se taciturno e mais bêbado do que nunca. Era normal vê-lo fumando mbangui. Os sapatos já não tinham solas e a roupa perdera a cor primeira. Era um sonâmbulo, rematava Kamal Samade.

Buinsanto, que se refugiara no Transvaal depois da queda do império, afirmou que o seu irmão Manua bebia com muita sofreguidão devido ao feitiço dos bisavós que se irritaram por aqueles modos estrangeiros no andar, no vestir e no falar. O pénis minguava de dia para dia. No dia da sua morte acordou sem nada entre as coxas e apanhou a maior bebedeira de sempre.

Manhune transmitira ao filho e ao neto de que Manua fora envenenado pelo pai, pois era uma vergonha para os nguni ver um filho seu assimilar costumes de outros povos estrangeiros. E o pior, dizia Manhune, Manua parecia um chope, pois era subserviente aos portugueses. Matem-no na próxima oportunidade, disse

Ngungunhane num dos encontros que teve com os maiores do reino.

Sonie, que fora a inkonsikazi de Ngungunhane, contara, depois do desterro do marido que Manua estava já louco quando entrou na capital do reino, Mangoanhana. Falava constantemente sozinho a língua dos brancos. Andava como um doido pelas ruas da capital, insultando a todos. Nos primeiros dias ainda toleramos o miúdo, pois chegámos a pensar que era assim que os brancos faziam quando estudavam. Mas depressa vimos que não, pois Manua começou a mudar a ordem dos dias, dormindo à tarde, fazendo a noite manhã e a manhã tarde. Era triste. O curandeiro de Ngungunhane disse a todos que o miúdo comera peixe, coisa que ninguém acreditou, apesar de Manua falar constantemente em peixe.

### III.

No dia da sua morte, ocorrida em Março de 1895, Manua acordou às cinco da manhã. A cacimba cobria Mangoanhana. Ouvia-se o tossir espaçado das pessoas idosas. Havia fogo nas traseiras das palhotas. Os cães latiam, famélicos. Os guerreiros circulavam pelas cercanias da capital à procura de gafanhotos. As mulheres, com bilhas à ilharga, iam à água. Ngungunhane dormia.

Manua, com os olhos ainda ensonados, emergiu pela portinhola da sua cubata. Viu os contornos das árvores. Viu as ancas das mulheres a roçarem as bilhas. Aspirou o ar matinal e espreguiçou-se. Estava magro e sujo. Os olhos estavam vermelhos.

— Não me digas que passaste a noite a contar os paus do tecto, Manua — perguntou Iomadamo, irmão de Manua.

- Não, dormi bem — retrucou.
- Tens os olhos vermelhos.
- Sempre foram vermelhos.
- A tartaruga caminha com a sua casa, Manua.
- Mete-te na tua vida, Iomadamo...

O irmão olhou-o e nada disse. A cacimba desapareceu. O Sol subia. Manua, sentindo a humidade do solo a roçar-lhe as plantas dos pés, foi aos currais que ficavam a sul da capital do império. O pouco gado que restava pastava nas redondezas. Os guerreiros traziam gafanhotos em pequenos cestos. As mulheres vinham com bilhas de água na cabeça. Havia jogo nas cubatas. Fumou mbangui. Viu estrelas a descerem do céu. Viu as águas a cobrirem o império e Ngungunhane a boiar nas águas, incapaz de nadar. Os olhos do rei aumentavam de tamanho. O corpo medrava rapidamente. Rebentou. Tripas e bocados de carne andavam à deriva sobre as águas vermelhas, azuis, pretas. A água começou a baixar. Manua ria. Soltava gargalhadas fortes. Dormiu. Os guerreiros olharam-no, abanaram as cabeças e desapareceram nas palhotas do acampamento. Ngungunhane acordou. Sonie tomava banho. Godide treinava com uma lança. Iomadamo bebia. Maguiguane estava longe da capital. A manhã crescia. As crianças brincavam. O império gemia. Os portugueses aguardavam. Os guerreiros comiam gafanhotos. O rei comia carne de vaca. As mulheres mais filhos tinham. As crianças choravam. Os bois mugiam. As moscas zumbiam. Os lagartos aproximavam-se das clareiras. O fogo queimava os troncos. O fumo perdia-se no ar. Manua acordou. Escreveu na areia o seu nome e recolheu à cubata. Trouxeram-lhe vinte litros de sope, nome que leva a aguardente preparada nestas terras tsongas. Bebeu. A manhã passou. A tarde entrou. As mulheres passeiam. Ngungunhane dormia com Sonie. Godide passea-

va. Iomadamo falava. Buinsanto olhava o gado magro. Os guerreiros treinavam. As lanças erguiam-se. Os escudos colavam-se aos corpos. O Sol baixava. Manua bebia. Godide recolhia ao lar. Iomadamo conversava com o curandeiro. Buinsanto falava com os rapazes do gado. Manua berrava. Ngungunhane acordou. Sonie vestia. Os guerreiros saltavam e cantavam. Manua viu ratos a entrarem na cubata. Cercaram-no. Subiram pelo corpo. Roeram a camisa, as calças, os sapatos, os papéis, o tecto. Quis sair. Viu serpentes à porta. Recuou. Fechou os olhos. Sentiu o cabelo a ser devorado. Tentou matá-los. Aumentavam de número. Enchiam a casa. A noite entrava. Manua berrava. Ninguém o acudia. Está louco, diziam. Uma coruja piou. Ngungunhane dormia. Sonie sonhava com capulanas. Godide via o império a seus pés. Cuiu viu em sonhos o seu sobrinho Ngungunhane a rastejar como uma serpente aos pés dos portugueses. Manua arfava. A Lua despon-tava. A coruja piou de novo. Os cães latiram. O garrafão de sope caiu. O líquido espalhou-se pelo chão. Os ratos molharam-se. Alguns apanharam bebedeira. A porta caiu. Manua morreu. A coruja piou. Os cães latiram. Os ratos roíram o corpo de Manua. A noite passou. A manhã nasceu. As mulheres foram à água. Os guerreiros foram à caça de gafanhotos. Ngungunhane dormia. Acordaram-no. Teu filho morreu, disseram. Quem?, perguntou. Manua. Enterrem-no, respondeu e dormiu. A manhã cresceu. Os gafanhotos desapareceram. As nuvens fugiram do céu. O império gemia.

## Fragmentos do fim (6)

*A mingi bonanga e mizeni yenu  
ngi ya hamba, manje mizokusebendža  
ni bafazi benu...*

Palavras últimas de Ngungunhane  
antes do embarque

*Jamais me vistes em vossas casas...  
É verdade que me vou, mas sereis escravizados  
com as vossas mulheres.*

O último discurso  
de Ngungunhane

*A Teresa Manjate*

*Erguer-se-á povo contra povo e reino contra reino, e haverá fomes, pestes e terramotos em vários sítios. Tudo isto será apenas o princípio das dores.*

S. Matcus, cap. 24

## Praga / Premonção

palavras  
prémoncias  
gerações

legado dos nguni

Virou-se repentinamente para a multidão que o vaiava, a uns metros do paquete que o levaria ao exílio, e gritou como nunca, silenciando as aves e o vento galerno, petrificando os homens e as mulheres com as palavras que saíam em catadupa e que percorreram, em outras bocas, gerações e gerações em noites de vigília e insónias, dada a força premonitiva que carregavam nessa manhã sem outro registo que o mar sem ondas, o paquete atracado, o Sol com a mesma cor, as nuvens de todos os tempos, a multidão concentrada, Ngungunhane falando, e o corpo bojudo oscilando para a direita e para a esquerda, enquanto os olhos reluziam e as mãos tremiam ao ritmo das palavras que cresciam, de minuto a minuto, como agora em que Ngungunhane dizia a todos, podeis rir, homens, podeis aviltar-me, mas ficai sabendo que a noite voltará a cair nesta terra amaldiçoada que só teve momentos felizes com a chegada dos nguni que vos tiraram dos abismos infundáveis da cegueira e da devassidão. Fomos nós, homens, que vos tirámos da noite que vos tolhia à entrada ao mundo da luz e da felicidade. As nossas lanças tiraram as cataratas fossilizadas que ostentavam e os nossos escudos esconjuraram os males de séculos e séculos que carregavam no corpo putrefacto. E hoje, corja de assassinos e cobardes, ousais achincalhar-me com toda a força dos pulmões rotos que tendes. É a

paga, eu sei, dos bens que os nguni fizeram. Mas ficai sabendo, seus cães, que o vento trará das profundezas dos séculos o odor dos vossos crimes e viverão a vossa curta vida tentando afastar as imagens infâustas dos males dos vossos pais, avós, pais dos vossos avós e outra gente da vossa estirpe. Começareis a odiar os vossos vizinhos, increpando-os dos males que padecerão nas palhotas sem idade. O ódio alastrar-se-á de família em família, atingindo os animais da vossa estima que passarão a lutar pelos pastos, se de gado bovino ou caprino se tratar. Os galos não se meterão com as galinhas da vizinha e os ratos dividir-se-ão por casas e roerão os bens de uma só família ao longo de gerações e gerações. E aí, seus cães, não terão coragem de erguer a cabeça. A corcova será de tal ordem que tereis filhos e netos com' uma bossa interminável e hereditária!

— Há pormenores que o tempo vai esboroando — disse o velho, tossindo. Colocou duas achas no fogo e soprou. Novelos de fumo passaram pelo rosto. Pequenas lágrimas saíram dos olhos cansados e tocaram na pele coberta de escamas. Afastei os papéis. Olhei-o. Era noite.

— Era miúdo ainda — prosseguiu — quando o meu avô me contava histórias de Ngungunhane. E eu tinha medo. Um medo que hoje não consigo explicar. Mas era medo. Quando dormia sonhava sempre com lanças e escudos a chocarem-se na plancie, numa plancie sem guerreiros, mas com escudos e lanças que se movimentavam, chocando-se constantemente. Nunca contei ao meu avô os meus sonhos. Receava que ele parasse de contar as histórias de Ngungunhane. E quando contava, a voz tremia e os gestos seguiam o ritmo da voz. Morreu a dormir, sonhando alto. De manhã, ao entrar na sua cubata, vi-o deitado ao comprido, olhando o tecto. Falava. A voz tocava-me profundamente. Durante

horas seguidas ouvi-o falar. Quis acordá-lo, pois já era tarde. Ao tocá-lo notei que o corpo estava frio. Há muito que tinha mortido. Tiveram que o enterrar imediatamente para que os vizinhos não nos chamassem feiticeiros. E o nosso espanto foi ouvir a voz saindo da cova, uma voz como que vinda de escarpas abissais. O meu pai teve que sentar-se sobre a sepultura e acompanhar, movimentando a boca, a voz do defunto. Os vizinhos e outros familiares distantes sentiram pena do meu pai, pois pensaram que estivesse louco. Noite e dia, durante uma se-mana e meia, o meu pai abria e fechava a boca.

— Como é que se chamava?

— O meu avô?

— Sim.

— Somapunga. E ele, ao contar-me as histórias de Ngungunhane, repisava alguns aspectos que o meu pai se esquecia e que tu omitiste. E são pormenores importantes.

— Não me recordo de ter omitido nada.

— Quando Ngungunhane falava à multidão que o vaiava, uma mulher, sem aparências de gravidez, teve uma criança sem olhos e sexo. Dois homens tiveram um colapso cardíaco.

— E ninguém reparou?

— Petrificados que estavam com as palavras de Ngungunhane, creio terem sido poucos os que viram.

— A mulher não gritou?

— Não. Deve ter aberto os olhos e a boca antes de desmaiar. Quando deram por ela já estava morta. E o que impressionou as pessoas foi o sangue escorrendo em direção à fortaleza. O sangue era negro como a nossa pele. E à medida que avançava abria um pequeno sulco pela encosta acima. Os portugueses cobriram com saibro.

— Interessante.

— É, é interessante — disse o velho, soprando o fogo. Pequenas faúlhas saltaram e desapareceram na noite.

Estes homens da cor de cabrito esfolado que hoje aplaudis entrão nas vossas aldeias com o barulho das suas armas e o chicote do comprimento da jibóia. Chamão pessoa por pessoa, registando-vos em papéis que enlouqueceram Manua e que vos aprisionarão. Os nomes que vêem dos vossos antepassados esquecidos morrerão por todo o sempre, porque dar-vos-ão os nomes que bem lhes aprouver, chamando-vos merda e vocês agradecendo. Exigir-vos-ão papéis até na retrete, como se não bastasse a palavra, a palavra que vem dos nossos antepassados, a palavra que impôs a ordem nestas terras sem ordem, a palavra que tirou crianças dos ventres das vossas mães e mulheres. O papel com rabiscos norteará a vossa vida e a vossa morte, filhos das trevas.

As mulheres, que tanto estimais, passarão a ser fornicadas como animais nas vossas casas ou nas traseiras das casas destes animais que hoje respeitais mais que os vossos irmãos nguni. Os gritos de dor e de prazer das mulheres perseguir-vos-ão por todo o lado e passareis noites e noites contando os paus do tecto, incapazes de se vingarem da infâmia que tocou as mulheres. Muitos de entre vocês suicidar-se-ão em árvores anãs ou entregar-se-ão aos crocodilos que vos rejeitarão pela cobardia que transportam, e flutuarão pelas águas durante anos e anos sem que um animal aquático se aproxime da carne putrefacta. Outros suportarão a dor e a ignomínia e passarão a acompanhar a mulher à casa do branco, mantendo-se na escuridão do pátio, enquanto a mulher transpõe a porta e entra no quarto donde sairá com insultos do branco que a

obriga a tomar banho antes de entrar nos lençóis cheios de esperma e lama, como se ela não tivesse tomado banho de manhã e à tarde, no rio ou em casa. O marido suportará estes insultos ouvindo a água a escorrer pela cútis negra e limpa enquanto aguarda, com um olhar de cadáver, o estertor mansaco do branco e o ofegar da mulher que se contorcerá na cama, libertando sons do fim dos tempos que rebentarão com os tímpanos e as veias donde escorrerá o sangue e as lágrimas da vergonha que atingirão o ponto culminante às latas horas da noite, quando o branco, do parapeito da janela, atirar a moeda da fome que procurará como um sonâmbulo na noite sem estrelas. Seguirá para casa silencioso, incapaz de falar com a mulher que vai tropeçando nos escolhos, envergonhada, aviltada.

E por todo o lado, como uma doença que a todos ataca, começarão a nascer crianças com a pele da cor do mijo que expelis com agrado nas manhãs. Serão crianças da infâmia. E pela primeira vez na vossa vida vereis filhos rejeitando as mães que se atirarão às casas onde o corpo se venderá ao preço do pão, fornecendo com as crias que desconhecem e apontando ao acaso os presumíveis pais da caterva de miúdos que nascem às dezenas. As doenças nunca vistas tocar-vos-ão a todos, e não darão ouvidos ao curandeiro porque haverá casas onde espetarão ferros pelo corpo; e haverá homens com vestes de mulher que percorrerão campos e aldeias, obrigando-vos a confessar males cometidos e não cometidos, convencendo-vos de que os espíritos nada fazem, pois tudo o que existe na terra e nos céus está sob o comando do ser que ninguém conhece mas que acompanha os vossos passos e as vossas palavras e os vossos actos. A noite terá caído definitivamente nestas terras que mudarão de face com o vosso suor.

Abrirão estradas, rebentarão os pés e as mãos, beberão sangue dos vossos irmãos combalidos e verão as vossas mulheres parindo pedras e troncos em plena estrada sem que possam mexer um dedo porque o chicote que estes fabricarão de minuto a minuto rebeñtará com as vossas costas cheias de escarpas fossilizadas. Começarão a abandonar as vossas aldeias ante a vergonha e a impotência de verem as vossas filhas violadas em plena rua, os vossos pais mortos como reses, os vossos irmãos chicoteados por peidarem de medo frente ao branco que vos aviltará por todo o sempre, queimando as vossas casas, usurpando a terra que vem dos vossos antepassados, cobrando as moedas pelas palhotas que erguestes com suor, obrigando-vos a trabalhar em machambas enormes, onde dia e noite andarão como sonâmbulos, comendo jibóias e macacos, escalavrando a terra com os dedos descarnados e tirando a merda da criança do vosso patrão.

E por onde andardes encontrarão as mesmas imagens, a mesma degradação, o mesmo crescimento. Os vossos irmãos pedir-vos-ão os papéis que não terão em dia e entrarão em casas cheias de ferros e ficarão loucos. Começarão a rugir, preparam as paredes como lagartos cegos e uivarão como hienas famintas pela noite adentro. De manhã tirar-vos-ão dos quartos nus, com correntes pelos pés, como o gado prestes a ser abatido. Não dormireis com as vossas mulheres que se limitarão a olhar-vos e a dizerem as palavras de sempre no tempo programado para a visita. Meses depois dir-vos-ão que a vossa mulher teve um filho da cor do mijo. Rebentarão com as grades a atirar-se-ão à noite a caminho da casa onde retalharão em bocados a vossa mulher inocente. E voltarão para toda a vida à cadeia, vendo o sexo a minguar de dia para dia. E os que não suportarem entregarão o traseiro ou perseguirão as

crianças presas, fazendo-as mulheres, mimando-as como mimam as vossas mulheres, ralhando-lhes como ralam às vossas mulheres. E aí o mundo terá mudado para sempre.

— Ngungunhane babava — disse o velho.

— E já não via ninguém.

— Pois, é isso, já não via ninguém com os olhos reluzentes. Estava no auge do discurso. E o mais impressionante eram as nuvens a desaparecerem do céu e os brancos, sem nada entenderem, tinham os cabelos eriçados.

Fora das grades os vosso netos esquecer-se-ão da língua dos seus antepassados, insultarão os pais e envergonhar-se-ão das mães descalças e ocultarão as casas aos amigos. A nossa história e os nossos hábitos serão vituperados nas escolas sob o olhar atento dos homens com vestes de mulher que obrigarão as crianças a falar da minha morte e a chamarem-me criminoso e canibal. As crianças rir-se-ão desta vergonha que os velhos sem auditório tentarão redimir dando a versão que ninguém escutará.

Por todo o lado, filhos das trevas, verão a morte a estampar-se nas casas que forem erguendo. Andarão como lagartos por estas terras, procurando a luz para aquecer as vossas escamas de sáurios. E à noite, atraídos nas casas, sentirão passos estranhos a calcarem as varandas e a aproximarem-se da porta, onde ficarão estampados por séculos, os contornos das orelhas que escutarão o que não disserem. A morte e o luto espalhar-se-á por estas terras e o preto sobrepor-se-á à negrura da vossa pele farta de caminhar entre cadáveres vivos e apodrecidos que se espalharão pelas ruas. E chegará o tempo em que fugirão para o mato, onde começarão a caçar os homens da vossa perdição, matando um aqui e outro ali. Aí respirarão o ar da

Lemb

vossa existência por pouco tempo, pois começarão a odiar-se e a matarem-se por pensarem no trono antes de o conquistarem. Haverá sangue a correr, chamar-se-ão nomes que a vossa língua não comporta e voltarão a procurar os curandeiros da vossa salvação que passarão a cobrar pela mesma moeda que o cantineiro vos cobra pelo arroz. Matarão à distância o vosso opositor, fazendo-o emergir na bacia de morte onde a água tomará a cor do sangue. Lançarão abelhas mortíferas aos vossos amigos e haverá cacimbo ao meio-dia. Mas começarão a aprender novas doutrinas que rejeitarão os espíritos, os feiticeiros e curandeiros. Todos ou quase todos aceitarão o novo pastor, mas pela noite adentro muitos irão ao curandeiro e pedirão a raiz contra as balas do inimigo, porque não quererão morrer antes de saborearem a vitória, e o curandeiro pedirá o coração do inimigo que abaterão sem piedade na emboscada dos troncos que se movem. Em todo o lado sentir-se-ão heróis; pois a bala passará à distância e se vos tocar bastará um encosto à árvore que secará e que vos restituirá a saúde. Outros transformar-se-ão em serpentes, entrarão no campo inimigo, estudarão os seus passos e verão o quantitativo. E esta será a nossa guerra vitoriosa contra os homens que entraram nestas terras sem autorização de ninguém. Muitos dos filhos destes homens ficarão nestas terras e aprenderão as nossas línguas e dançarão as nossas danças e casarão com as nossas mulheres à vista de toda a gente e serão nossos irmãos de verdade porque esconjurarão com os curandeiros do amanhã os seus males de séculos.

Chegada a vitória tereis um preto no trono destas terras. Exultareis de alegria ao verem subir panos na noite chuvosa da vossa vitória. Mas não tereis chegado ainda ao tempo da vossa felicidade, seus cães, porque a maldição que abraçou estas terras, perdurará por

séculos e séculos. E na ilusão da vossa vitória invadirão casas que erguestes e mudarão a ordem das coisas, passando a cagar onde deviam comer e a comer onde deviam cagar. A desordem será de tal ordem que as casas mudarão de cor, passando a ter a cor da morte que se instalará nas vossas terras que terão a extensão de meses e meses de percurso. Haverá chuvas de nunca acabar que arrasarão os campos e as cidades. As estradas rebentarão e começarão a surgir pelas avenidas e ruas, serpentes com ninhos à vista de toda a gente e confundirão os seus silvos com os apitos desordenados de polícias em jejum de séculos à caça de ladrões profissionais que roubam cigarros e pilhas e batatas e restos de comida. Os carros de bois passarão a substituir as máquinas que deitam fumo e verão as ruas repletas de bostas secas e frescas que os homens recolherão nas noites infundáveis da fome. Ávidos em se alimentarem farão papas de merda que provocarão diarreia e vômitos que encherão as casas de cimento, saindo depois pelos corredores e escadas sem degraus até aos jardins e ruas, provocando o dilúvio de diarreias e vômitos que afogarão crianças e velhos, homens e mulheres, que serão o alimento de ratos gigantes que terão a liberdade das avenidas e casas sem dono. Serão os primeiros dias da vossa desgraça que se completarão com os homens que percorrerão as matas, matando os pais e a mães, ávidos do tempo do chicote e das plantações de sonâmbulos. A confusão reinará por séculos e haverá suplícios ao fogo; rebentarão as barrigas grávidas de mulheres inocentes, obrigando os pais a comer os nados-mortos sem uma lágrima nos olhos. O sol mudará de cor e as nuvens afastar-se-ão do céu por tempos imprecisos, trazendo a chuva quando menos esperam e o sol quando se espera a chuva. E a fome chegará à loja onde os cantineiros passarão a vida a espantar as moscas,

enquanto o povo inteiro transforma as ruas em cintas. As cadeias multiplicar-se-ão e os homens do mando chegarão ao ponto de prender a todos porque todos venderão e comprarão coisas ao preço que ninguém sabe. E as ruas estarão desertas. E haverá chefes sem súditos. E terão que voltar ao princípio dos princípios. Eis o que é e o que será a vossa desgraça de séculos homens. Agora riam-se à vontade, riam-se, homens!... — E olhou-os — disse o velho —, estava cansado. Transpirava por todo o corpo e o peito estava cheio de baba. A multidão olhava-o petrificada. As nuvens tinham desaparecido. As ondas começaram a surgir nas águas e o paquete começou a roncar. O Sol estava a meio do céu. As mulheres começaram a chorar. Os homens, incrédulos ainda, olhavam Ngungunhane que limpava calmamente a baba. Deu dois passos em frente e parou. Numa voz arrastada, calma, cansada, disse: — A chuva não virá a estas terras antes de se completarem dois anos. Irão pelo mato fora e comerão ratos que desaparecerão na primeira noite. Depois procurarão gafanhotos que não encontrarão. Entrarão nas águas e comerão os peixes, contrariando o juramento que fizestes ao longo da nossa estada nestas terras. Os nguni que restarem voltarão à Zululândia, porque não suportarão a vossa cobardia, tsongas sem espírito!

Ditas estas palavras finais Ngungunhane virou-se e caminhou em direcção ao navio, acompanhado pelas mulheres e o filho e outros homens. Subiu as escadas sem voltar uma única vez o rosto. Desapareceu no interior do navio. Durante uma hora, aproximadamente, ficaram à espera que o navio arrancasse. Os motores trabalhavam. As águas em volta estavam revoltas. O navio não arrancava. Passada a hora ouviu-se um canto a elevar-se pelos ares e os pássaros a invadir o céu. Ngungunhane cantava e dançava. A voz, em

barítono, tirou lágrimas aos velhos e novos que olhavam o navio a abrir as águas afastando-se da costa. Depois do barco se perder no mar ouviu-se ainda o canto a cobrir o céu e a terra. Ngungunhane desapareceu.

Levou duas achas ao fogo e soprou.

— A seca invadiu estas terras — continuou. A colheita foi má. Maguiguane quis aproveitar-se do descontentamento para a revolta mas os portugueses tinham mais forças. O império desabou para todo o sempre. Já tinha desabado com a partida de Ngungunhane.

— É isso — redarguiu o velho. — Já tinha desabado. Os portugueses venceram.

— Mas perderam num campo mais vasto.

— Ngungunhane tinha predito.

— Tem razão. Não vai dormir?

— Vou dormir aqui, junto ao fogo.

Levantei-me. Estava cansado. A noite clara, sem nuvens, dava total liberdade à Lua. Comecei a afastar-me da fogueira. Com a cabeça apoiada entre as mãos o velho soluçava. Comecei a andar depressa. Não sei porquê mas à medida que ouvia o choro do velho apressava o passo. Afastei-me da cabana que me estava reservada e virei o rosto em direcção à fogueira. Entre duas mangueiras enormes, o velho, com a cabeça entre as mãos, não via o fogo e a noite. Chorava. E eu afastava-me da cubata, do meu quarto, e atirava-me à noite de luar. Algo me intrigava no velho e no discurso de Ngungunhane.